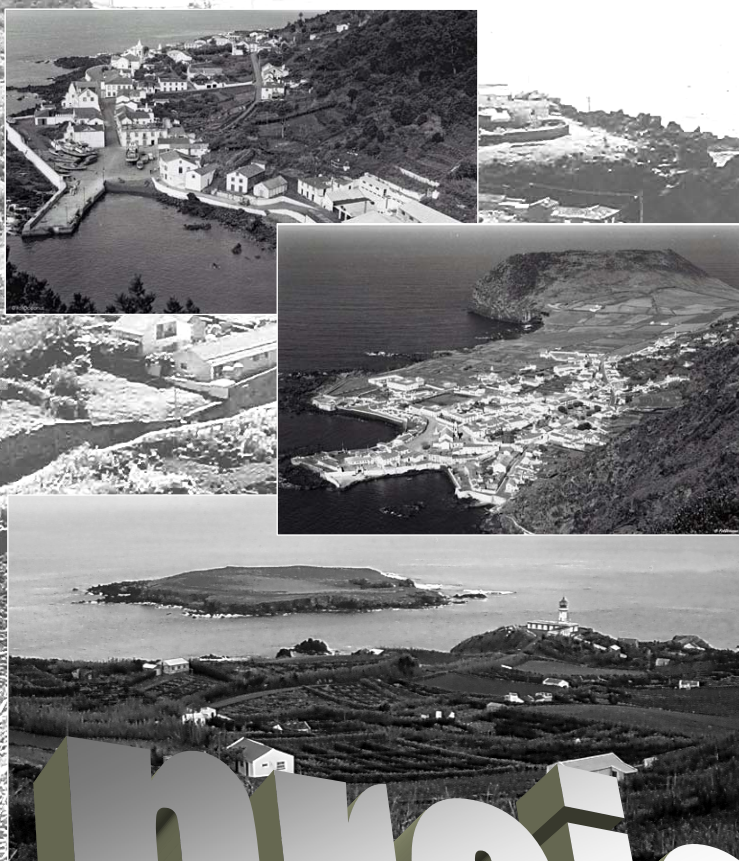


XV expedição científica do departamento de biologia



ecologia

geografia

taxonomia

projecto

biologia dos organismos

genética



departamento de biologia | universidade dos açores | *campus* universitário de ponta delgada
apartado 1422 | rua da mãe de deus, 13-A | 9501-801 ponta delgada | são miguel | açores
telefones [+351] 296 650 101/102 | fax: [+351] 296 650 100 e-mail: ddb@uac.pt | internet: <http://www.db.uac.pt>

São Jorge, a ilha jardim.
Feixes de hortênsias sorridentes.
Quadrículas de um verde rutilante, com debruns a azul.
Fajãs que deslumbram, estiradas pela beira-mar.
Paisagem máscula e vibrante, de trechos meigos e de pontos bravios.



São Jorge, a ilha jardim.
Aqui, o reino da fantasia; ali, a moldura extasiante; acolá, o quadro rútilo.
Fantasia nas suas fajãs: Ouvidor, Vimes, São João, Santo Cristo, Cubres, Ribeira da Areia...
Extasio por Manadas, Ribeira Seca, Topo, Norte Grande, Norte Pequeno, Rosais...
Rutilância na Urzelina, no porto dos Terreiros, na Calheta, nas Velas, na Beira, em Santo Amaro...



São Jorge, a ilha jardim.
Morros altivos, quebradas elegantes, inclinações de terreno, ora suaves, ora agrestes.
Hortênsias, em ar folgazão, que alindam o conjunto num amor extremoso. Hibiscos que adornam a paisagem de tons vários e esbeltos. Metrosíderos que salpicam o terreno, maculando-o de um vermelho entusiástico. Flores diversas, numa sedução permanente que atapetam a ilha elegrando-a vivificando-a estigmatizando-a.



São Jorge, a ilha jardim.
Ilha enquadrada, no mar, com a do Pico, fazendo ambas uma paisagem continuada e fantasiosa.
Majestático o Pico visto de São Jorge; versátil São Jorge alcançado do Pico.
Conjunto inefável, que desafia todas as belezas, por mais radiantes, que arrebatam numa profundidade e viveza carismáticas.
Ali, naquele conjunto, uma panorâmica fulcral dos Açores. Ali, duas ilhas tão discrepantes, mas que se combinam numa graça emérita. Ambas sublimizados pelo sofrimento, tendendo para o infinito, em ares sobrenaturais.



São Jorge, a ilha jardim.
Um manancial de formosura. Uma sequência de mesclas radiosas.
Aqui, a natureza ri, canta e rejubila.
Ilha expressiva, variada, castiça.
Linda entre as mais belas.



São Jorge, a ilha jardim dos Açores.
Um feixe de hortênsias sorridentes...



XV expedição científica do departamento de biologia



ecologia

geografia

taxonomia

projecto

biologia dos organismos

genética

departamento de biologia | universidade dos açores | campus universitário de ponta delgada
apartado 1422 | rua da mãe de deus, 13-A | 9501-801 ponta delgada | são miguel | açores
telefones [+351] 296 650 101/102 | fax: [+351] 296 650 100 e-mail: ddb@uac.pt | internet: <http://www.db.uac.pt>

B



são jorge 2011

FICHA TÉCNICA

Editor:

Universidade das Açores – Departamento de Biologia
Rua da Mãe de Deus, 13-A
9501 - 801 PONTA DELGADA
São Miguel, Açores, Portugal

Título:

projecto - XV expedição científica do Departamento de Biologia - são jorge 2011

Introdução, coordenação e edição:

João António Cândido Tavares

Capa, design interior, selecção de texto e paginação:

Duarte Soares Furtado

Data:

Junho de 2011

Fotos: João Tavares, Duarte Furtado, Emanuel Pochecho, Roberto Resendes, Fotoceanus e Arquivo do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores

Montagem e acabamentos:

Tipografia Aníbal

Tiragem:

60 exemplares

expedição científica

**COMISSÃO ORGANIZADORA**

Investigador Coordenador JOÃO TAVARES

Técnico Superior DUARTE SOARES FURTADO

Assistente Administrativa MARIA DA CONCEIÇÃO VIEIRA



ÍNDICE

INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS	5
EQUIPAS E INVESTIGAÇÃO	7
GEODIVERSIDADE E GEOSSÍTIOS	7
GEOGRAFIA	7
FLORA VASCULAR	7
MALACOLOGIA	8
ENTOMOFAUNA AGRÍCOLA E TÉRMITAS	8
VERTEBRADOS	9
SERVIÇOS AUDIOVISUAIS	9
LOGÍSTICA	9
COMISSÃO ORGANIZADORA	10
CICLO DE CONFERÊNCIAS e EXPOSIÇÃO	11
MAPA DA ILHA DE SÃO JORGE	14
PARTICIPANTES	14
MEMBROS DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES	15
MEMBROS DE OUTRAS INSTITUIÇÕES	17
INFORMAÇÕES DE INTERESSE GERAL	16
TOPOGRAFIA	17
SÃO JORGE – ILHA DE MARAVILHOSAS PAISAGENS	20
ATAQUES DE PIRATAS NO PORTO DA CALHETA DE SÃO JORGE	23
DAS EXCELÊNCIAS DA ILHA DE S. JORGE	24
MAPA DA VILA DAS VELAS	26
A ILHA CERCADA DE PRECÍPIOS – SÃO JORGE	27
SOBRE AS ILHAS DE SÃO JORGE E GRACIOSA	28
SÃO JORGE – CONDENADA MAS SEMPRE SOBREVIVENTE	31
SÃO JORGE – MIRADOURO DE ILHAS, PASTAGENS, CANAIS E FAJÃS	34
BREVES NOTAS SOBRE A ILHA DE SÃO JORGE	37
VIGIAS – O BUFO – O VIRAR DO RABO	41
MAPA DA VILA DA CALHETA	48
DO DESCOBRIMENTO DA ILHA DE SAM JORGE, E DE TODAS AS MAIS COUZAS QUE DELLA PUDI ALCANSAR DIGNAS DE MEMÓRIA	49
NOTA GEOGRÁFICA DA ILHA DE SÃO JORGE	50
ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO	50
GEOMORFOLOGIA	52
GEOLOGIA	53
ZONAS DESIGNADAS PARA A PROTECÇÃO DE HABITATS E DA FAUNA E DA FLORA SELVAGENS E A CONSERVAÇÃO DAS AVES SELVAGENS	54
SELECÇÃO BIBLIOGRÁFICA	56
NOTAS	58 E 59



INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS

O Departamento de Biologia (DB) vai realizar, entre 25 e 31 de Julho de 2011, a **XV Expedição Científica SÃO JORGE 2011**, destinada à ilha do mesmo nome e que em 1992 foi objecto da VII Expedição Científica. Trata-se de prosseguir com as actividades estatutárias da Universidade dos Açores, em concreto com aquelas que são competência do DB, no que respeita à criação, transmissão e difusão da cultura, da ciência e da tecnologia na Região Autónoma dos Açores.

Como é do conhecimento geral, o DB desenvolve a actividade na sua sede, no Campus Universitário de Ponta Delgada. Para que esta actividade não fique somente consignada àquele espaço, torna-se necessário realizar actividades de investigação científica nas outras ilhas do Arquipélago. Daí a existência do projecto **Expedições Científicas do DB**, que remonta aos anos iniciais da fundação da Instituição, actualmente designada por Universidade dos Açores. Estes são desenvolvidos de preferência em períodos de pausa lectiva e têm sido sempre muito bem-vindos pela comunidade visitada, que sempre contribuiu com um considerável apoio institucional público e privado.

À semelhança dos eventos anteriores, para a realização desta expedição à ilha de São Jorge, o DB irá deslocar uma parte dos seus recursos humanos e materiais, bem como cientistas e técnicos de instituições nacionais e regionais com os quais vem colaborando. No evento, também participarão nos trabalhos de campo os alunos da Universidade dos Açores dos diferentes graus, desde a licenciatura ao doutoramento, assim como, alunos do Ensino Básico e Secundário essencialmente da ilha de São Jorge. Os principais objectivos deste último grupo de participantes são o reforço de motivações de aprendizagem, para permitir uma melhor exploração de vocações e o desenvolvimento do gosto da área das Ciências da Natureza, o conhecer as actividades de campo desenvolvidas e uma experiência de vivência do ambiente universitário e da vida académica.

Na **XV Expedição Científica do DB** à ilha de São Jorge, pretendemos desenvolver uma série de estudos para aprofundar o conhecimento sobre a vida e o ambiente, com planos de trabalho diversos, dos quais destacamos:

- Geodiversidade e Geossítios da ilha de São Jorge;
- Avaliação do Sítio Ramsar da Fajã dos Cubres e Caldeira de Santo Cristo;
- Actualização do catálogo das plantas vasculares da ilha de São Jorge e levantamento das populações de Uveira;
- Actualização das listas de vertebrados terrestres da ilha de São Jorge;
- Malacofauna da ilha de São Jorge, e avaliação da qualidade do Ambiente através de espécies indicadoras;
- Actualização do inventário da cadeia trófica das pragas agrícolas, nomeadamente da lagarta-das-pastagens e da mosca-da-fruta, através da recolha de entomófagos e entomopatogénicos;
- Inventariação de insectos na ilha de São Jorge (e.g. ordens Lepidoptera e Odonata);
- Prospecção de térmitas;
- Actividades em educação ambiental com as crianças e jovens, das quais se destaca: *Assumir comportamentos de protecção da natureza, respeitar e proteger espécies autóctones, compreender as adaptações dos seres vivos ao meio ambiente, avaliar a importância dos ecossistemas a fim de compreender a necessidade de os conservar, compreender a diversidade e a complementaridade dos diferentes componentes bióticos e abióticos dos ecossistemas, desenvolver nos alunos autonomia e responsabilidade, "espicaçar" a*



curiosidade científica, facultar aos alunos trabalhos de campo, passíveis de desencadear vocações nesta área, promover vivências partilhadas com alunos.

Paralelamente, uma equipa do Departamento de Geociências irá identificar e caracterizar os elementos que tipificam a Geodiversidade e Geossítios desta ilha, promovendo a sua preservação e valorização das áreas ambientais dos Açores.

A **XV Expedição Científica do DB** à ilha de São Jorge ficará sediada no Parque de Campismo da Urzelina, cedido para o efeito pela Junta de Freguesia da Urzelina, concelho das Velas, ficando os participantes instalados em tendas de campismo do Serviço Regional da Protecção Civil da Região Autónoma dos Açores. Salienta-se que os trabalhos de investigação são apoiados por motoristas e viaturas do DB e de diversos serviços públicos da ilha de São Jorge, e por uma equipa de técnicos audiovisuais.

A par das actividades de campo, terá lugar um Ciclo de Conferências no Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense com os seguintes temas:

- Geodiversidade e Geossítios da Ilha de São Jorge: seu contributo para o Geoparque dos Açores;
- Alterações climáticas e Geodinâmica: Implicações na zona costeira da ilha de São Jorge;
- Aplicações da cultura *in vitro* na propagação de espécies endémicas dos Açores;
- Conservação dos Vertebrados Terrestres de São Jorge;
- Maluscas terrestres do Arquipélago da Madeira;
- Moluscos Terrestres da ilha de São Jorge;
- As Térmitas dos Açores;
- Controlo integrado de pragas agrícolas: caso dos Açores.

6

Estas conferências estão abertas à população em geral.

Durante o decorrer do evento e no Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense estará em exposição um conjunto de "cartoon" sobre Ecologia da autoria do biólogo Carlos Medeiros.

O projecto será desenvolvido no campo por 32 expedicionários, reportidos por 6 equipas: 9 docentes/ investigadores, 8 técnicos superiores, 2 bolséiros de investigação, 4 assistentes técnicos, 4 assistentes operacionais, 3 alunos de licenciatura, 1 aluna do secundário e 1 colaboradora.

A **XV Expedição Científica do DB** contou com os seguintes apoios: Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Velas, BANIF Açores, Câmara Municipal de Calheta, Câmara Municipal de Velas, Copipélago, Electricidade dos Açores, S.A. - Central Termoeléctrica de São Jorge, Fotoceanus, Junta de Freguesia da Urzelina, Secretaria Regional da Agricultura e Florestas - Serviço Florestal de São Jorge e Serviço de Desenvolvimento Agrário de São Jorge, Secretaria Regional da Ciência, Tecnologia e Equipamentos - Delegação de São Jorge, Secretaria Regional do Ambiente e do Mar - Serviço de Ambiente de São Jorge, Serviço Regional de Protecção Civil, Sociedade de Serigrafia Açoreana, Lda., Tipografia Aníbal - Ponta Delgada, Transmaçor e Universidade dos Açores.

Os trabalhos desenvolvidos na **XV Expedição Científica do DB**, à semelhança dos outros eventos similares, serão publicados na série Relatórios e Comunicações do Departamento de Biologia, os quais estão disponíveis no Repositório Científico Aberto da Universidade dos Açores, no endereço <http://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/1>

Ponta Delgada, 15 de Junho de 2011.

O Presidente da Comissão Organizadora,
JOÃO TAVARES
(Investigador Coordenador)

EQUIPAS E INVESTIGAÇÃO

GEODIVERSIDADE E GEOSSÍTIOS

Prof. Auxiliar JOÃO CARLOS NUNES
 Mestre EVA MELO CUNHA DE ALMEIDA LIMA
 Técnica Superior SARA MARIA TEIXEIRA DE MEDEIROS
 Colaboradoro DIANA FERREIRA PONTE

- identificação e caracterização de geossítios da ilha de São Jorge; geologia e vulcanologia da ilha de São Jorge com interesse para a promoção do geoturismo e do geoparque Açores.

GEOGRAFIA

Prof. Auxiliar JOÃO MORA PORTEIRO

- avaliação do sítio Ramsar da Fajã dos Cubres e caldeira de Santo Cristo;
- levantamento de informação física e humona da Fajã dos Cubres e Caldeira de Santo Cristo.



FLORA VASCULAR

Prof. Auxiliar MARIA JOÃO PEREIRA
 Prof. Auxiliar ANTÓNIO NEVES TROTA
 Técnico Superior DUARTE SOARES FURTADO
 Técnico Superior CARLOS MEDEIROS
 Técnico Superior RUI SEQUEIRA
 Técnica Superior SARA CUNHA CABECEIRAS
 Técnico TIAGO OLIVEIRA

Flora vascular da ilha de São Jorge:

- Actualização do catálogo de plantas Vasculares e levantamento das populações de Uveira;
- fenologia;
- recolha de sementes, herborização de plantas vasculares e registo digital a integrar o Herbário Virtual dos Açores.



MALACOLOGIA

Profª. Auxiliar REGINA TRISTÃO DA CUNHA
 Técnico de Laboratório ROBERTO RESENDES
 Técnico Superior DINARTE NUNO FREITAS TEIXEIRA
 Bolseira de Investigação MARIA PIA SPIGONARDI

Estudo da malacofauna terrestre da ilha de São Jorge:

- prospecção de moluscos terrestres;
- estudos no ilhéu do Topo;
- atelier de moluscos terrestres;
- espécies indicadoras da qualidade do ambiente;
- actualização da lista de espécies em habitats pouco estudados.



ENTOMOFAUNA AGRÍCOLA E TÉRMITAS

Investigador Coordenador JOÃO TAVARES
 Investigadora Auxiliar MARIA LUÍSA OLIVEIRA
 Doutor VIRGÍLIO VIEIRA
 Aluno de Licenciatura MÁRIO BRUM TEIXEIRA
 Aluna de Licenciatura TÂNIA ISABEL PERES TEIXEIRA
 Mestre JOÃO JOSÉ SOARES DO AMARAL
 Bolseira de Investigação ANABELLA BORGES
 Aluna do Secundário JOANA DE SAMPAIO PALHA TAVARES

8

Prospecções das pragas lagarta-das-pastagens, mosca-da-fruto e seus inimigos naturais na ilha de São Jorge:

- inventário de entomófagos e entomopatogénicos com interesse para o controlo biológico de pragas agrícolas;
- inventário dos lepidópteros existentes;
- inventariação de insectos na ilha de São Jorge [Lipidoptera e Odonata];
- recolha de amostras de solo na Ilha de São Jorge para isolamento de bactérias entomopatogénicas;
- prospecção de térmitas na ilha de São Jorge.



VERTEBRADOS

Profª. Auxiliar MARIA DE FÁTIMA MEDEIROS
Aluna de Licenciatura MÓNICA LILIANA FERNANDES LOPES

Saídas diurnas e nocturnas nas quais se aplicam métodos de detecção adequados a cada grupo de vertebrados, com o fim de identificar espécies comuns, raras e raras vulneráveis.

- identificação das espécies de vertebrados;
- detecção de espécies vulneráveis ou raras;
- observação de aves marinhas.



SERVIÇOS AUDIO VISUAIS

Assistente Técnico EMANUEL PACHECO
Assistente Operacional TOMAZ CARVALHO DE SOUSA

Cobertura total em foto e vídeo:

- asseguram a cobertura total em foto, vídeo e imprensa escrita dos diversos trabalhos a desenvolver pelas equipas de investigação.



LOGÍSTICA

Técnico Superior DUARTE SOARES FURTADO
Assistente Técnica CONCEIÇÃO VIEIRA
Assistente Operacional JOSÉ MANUEL TAVARES
Assistente Operacional JOSÉ FARIAS VIVEIROS
Assistente Operacional RICARDO MACEDO





são jorge 2011

COMISSÃO ORGANIZADORA

Investigador Coordenador JOÃO TAVARES



Técnico Superior DUARTE SOARES FURTADO



10

Assistente Administrativa MARIA DA CONCEIÇÃO VIEIRA



expedição científica





são jorge 2011

CICLO DE CONFERÊNCIAS e EXPOSIÇÃO

GEODIVERSIDADE E GEOSSÍTIOS DA ILHA DE SÃO JORGE:
SEU CONTRIBUTO PARA O GEOPARQUE DOS AÇORES

Orador: Prof. Auxiliar **JOÃO CARLOS NUNES**

Local: Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense

Dia e Hora: 27 de Julho às 21H00m

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E GEODINÂMICA:
IMPLICAÇÕES NA ZONA COSTEIRA DA ILHA DE SÃO JORGE

Orador: Prof. Auxiliar **ANTÓNIO NEVES TROTA**

Local: Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense

Dia e Hora: 27 de Julho às 21H30m

APLICAÇÕES DA CULTURA "in vitro" NA PROPAGAÇÃO DE ESPÉCIES ENDÉMICAS DOS AÇORES.

Oradora: Prof.ª Auxiliar **MARIA JOÃO PEREIRA**

Local: Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense

Dia e Hora: 27 de Julho às 22H00m

CONSERVAÇÃO DOS VERTEBRADOS TERRESTRES DE SÃO JORGE.

Oradora: Prof.ª Auxiliar **MARIA DE FÁTIMA MEDEIROS**

Local: Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense

Dia e Hora: 27 de Julho às 22H30m

CONTROLO INTEGRADO DE PRAGAS AGRÍCOLAS:
O CASO DOS AÇORES

Orador: Investigador Coordenador **JOÃO ANTÓNIO CÂNDIDO TAVARES**

Local: Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense

Dia e Hora: 29 de Julho às 21H00m

MOLUSCOS TERRESTRES DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA.

Orador: Técnico Superior **DINARTE TEIXEIRA**

Local: Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense

Dia e Hora: 29 de Julho às 21H30m



11

expedição científica



MOLUSCOS TERRESTRES DA ILHA DE SÃO JORGE.

Orador: Prof^o. Auxiliar **REGINA CUNHA**

Local: Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense

Dia e Hora: 29 de Julho às 22H00m

AS TÉRMITAS DOS AÇORES.

Oradora: Bolseira de Investigação **ANNABELLA BORGES**

Local: Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense

Dia e Hora: 29 de Julho às 22H30m

xinando - cartoon - ecos

No âmbito do XV Expedição Científica do Departamento de Biologia "SÃO JORGE 2011" e de autoria do Biólogo Dr. CARLOS MEDEIROS da Direcção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos/Secretário Regional do Ambiente e do Mar, estará patente a todos os interessados no Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense uma exposição de posters alusiva a temas ambientais, que poderá ser vista nos dias 27 e 29 de Julho das 21H00m às 23H00m.

12



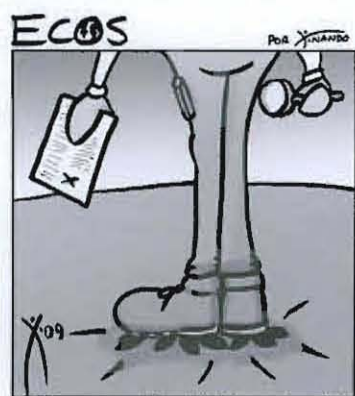
- EU é que sei salvar esta espécie!
- Não! EU é que sei!
- Não, Não! EU é que sei como salvá-la!
CRAAAC!



Onde é que anda o
AQUECIMENTO global
quando precisamos dele?



O Eco-lojista



Não percebo...
O último exemplar da plantinha das
FOLHAS VERMELHAS
devia estar por aqui...



Esta floresta VIRGEM está muito densa.
Precisa de obras urgentes de
requalificação ambiental!



Ao capturarmos os ÚLTIMOS três
exemplares, concluímos que a espécie
ficou EXTINTA na NATUREZA.



PARTICIPANTES

MEMBROS DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

DOCENTES/INVESTIGADORES

Investigador Coordenador JOÃO ANTÓNIO CÂNDIDO TAVARES
Professora Auxiliar MARIA DE FÁTIMA MELO MEDEIROS
Investigadora Auxiliar MARIA LUÍSA MELO OLIVEIRA
Professora Auxiliar MARIA JOÃO PEREIRA
Professora Auxiliar REGINA TRISTÃO DA CUNHA
Professor Auxiliar JOÃO MORA PORTEIRO
Professor Auxiliar JOÃO CARLOS NUNES
Professor Auxiliar ANTÓNIO NEVES TROTA

FUNCIONÁRIOS/AGENTES

Doutor VIRGÍLIO FERNANDO FERREIRA VIEIRA
Mestre EVA MELO CUNHA DE ALMEIDA LIMA
Técnico Superior DUARTE MANUEL DO COUTO SOARES FURTADO
Técnica Superior SARA MARIA TEIXEIRA DE MEDEIROS
Assistente Técnica MARIA DA CONCEIÇÃO PIMENTEL VIEIRA
Assistente Técnico ROBERTO RESENDES
Assistente Técnico EMANUEL PACHECO
Assistente Operacional TOMÁZ SOUSA
Assistente Operacional JOSÉ MANUEL FARIAS VIVEIROS
Assistente Operacional JOSÉ MANUEL TAVARES
Assistente Operacional RICARDO JORGE MACEDO

BOLSEIROS

Bolseira de Investigação MARIA PIA SPIGONARDI

ALUNOS DE LICENCIATURA

Aluno de Licenciatura MÁRIO BRUM TEIXEIRA
Aluna da Licenciatura TÂNIA ISABEL PERES TEIXEIRA
Aluna de Licenciatura MÓNICA LILIANA FERNANDES LOPES

ALUNOS DO SECUNDÁRIO

Aluna JOANA DE SAMPAIO PALHA TAVARES

COLABORADORES

Colaboradora DIANA FERREIRA PONTE





MEMBROS DE OUTRAS INSTITUIÇÕES

DIRECÇÃO REGIONAL ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

Técnico Superior CARLOS FERNANDO RODRIGUES MEDEIROS

SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Técnico Superior DINARTE NUNO FREITAS TEIXEIRA

SERVIÇO DE DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO DA ILHA TERCEIRA

Mestre JOÃO JOSÉ SOARES DO AMARAL
Bolseira de Investigação ANNABELLA BORGES

SERVIÇO FLORESTAL DA ILHA DE SÃO JORGE

Técnica Superior SARA CUNHA CABECEIRAS

SERVIÇO DE AMBIENTE DA ILHA DE SÃO JORGE

Técnico Superior RUI SEQUEIRA
Assistente Técnico TIAGO OLIVEIRA



INFORMAÇÕES DE INTERESSE GERAL

VIAGEM

A viagem de ida e volta* à ilha de São Jorge [Portas do Mar/Cais das Velas] no navio da Atlânticoline, está assim estipulada:

data*	dia	origem	destino	partida	chegada
25-Jul-2011	Segunda	Ponta Delgada	São Jorge	09H00m	19H00m
31-Jul-2011	Domingo	São Jorge	—	21H15m	—
01-Ago-2011	Segunda	—	Terceira	—	03H15m
01-Ago-2011	Segunda	Terceira	Ponta Delgada	13H30m	17H00m

* Salvo alteração de última hora.

ALOJAMENTO

Os expedicionários ficarão preferencialmente instalados em tendas de campismo, gentilmente cedidas pelo Serviço Regional de Protecção Civil / Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários da Madalena do Pico. Porém, de acordo com as disponibilidades existentes, poderão igualmente e, se assim o entenderem, munirem-se de tenda pessoal bem como sacocama. Recomenda-se o uso pessoal de material de higiene e limpeza.

16

LABORATÓRIOS

Na zona do acampamento haverá um local para apoio às práticas laboratoriais.

CONFERÊNCIAS E EXPOSIÇÃO

O ciclo de conferências e a exposição XINANDO - CARTOON - ECOS organizadas no âmbito deste evento, terão lugar no Salão da Sociedade Filarmónica Urzelinense e estarão abertos à participação do público em geral e de um modo particular aos expedicionários.

FOTO – VIDEO REPORTAGEM

Os responsáveis das equipas deverão agendar as deslocações dos técnicos com o Operador de Meios Audiovisuais EMANUEL PACHECO.

CONTACTOS ÚTEIS

Para contactos imprescindíveis e urgentes com os membros da Comissão Organizadora, deverão utilizar, por ordem, os seguintes números:

Técnico Superior DUARTE SOARES FURTADO 96.8957055
Assistente Administrativa CONCEIÇÃO VIEIRA 96.9499244
Investigador Coordenador JOÃO TAVARES 91.6743668

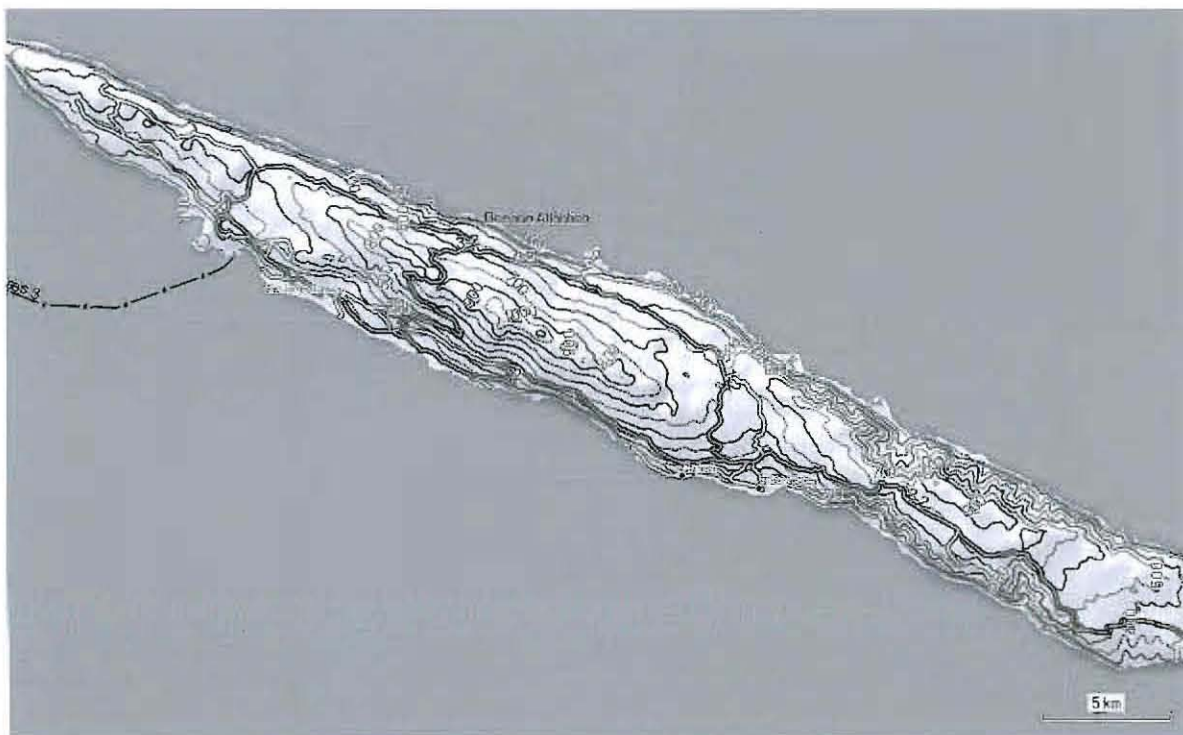


TOPOGRAFIA

Está a Ilha de S. Jorge a 38° , $40'$ lat. N. E 19° , $7'$ long. O. No Oceano Atlântico, orientada no rumo O. N. O.

Faz parte do grupo central das ilhas dos Açores, tendo na sua vizinhança servindo-lhe de sentinellas: a leste a Terceira, ao norte o Graciosa, ao sul o Pico e a oeste o Fayal. No centro de todas estas nenhuma outra do archipelago goza de tão bello panorama.

O seu comprimento conforme os melhores cálculos, é de 65 kilometros e largura média 4 kilometros, com uma superficie de 260 kilometros quadrados e o desenvolvimento total da costa de 162 kilometros.



Segundo o **Diccionario de Geografia Universal**, dista 35 kilometros da ilha Graciosa e quasi igual distancia da Terceira – 20 kilometros do Pico, - 150 de S. Miguel, - 215 de Santa Maria, - 30 do Fayal, - 155 das Flores e 170 do Corvo.

"Esta ilha, diz o mesmo **Diccionario** 2º vol. Pag. 828, artigo **S. Jorge**, é de origem vulcanica, cortada em toda a extensão por uma fragosa cordilheira de mediana elevação e sujeita a violentos abalos de terra, tendo havido algumas notaveis erupções, taes como as de 1580, 1757 e 1808, sendo impetuosa e durando alguns dias a torrente de lavas, que correu até ao oceano, principalmente na primeira d'estas erupções (e também na terceira acrescento).

O littoral está cercado de rochas alcantiladas, negras e elevados em geral, cortadas a prumo. Mas, se o aspecto das costas é triste, admira-se todavia na costa do norte a sua belleza selvagem, e na costa do sul o effeito deslumbrante produzido pelas quedas d'água das muitas ribeiras que se precipitam no Atlântico.

São poucas as enseadas acessíveis a embarcações, sendo porém, a costa sul menos escabrosa que a do norte. Entre os principais portos contam-se, contudo, os das villas Velas, Calheta e Topo, no primeiro dos quaes ha excellente cáes, onde podem atracar as embarcações d'alto bordo".

A **Corographia Açórica**, pelo illustre jorgense, João Soares d'Albergaria descrevendo esta ilha, d'ella diz também: - "É limitada quazi em torno por altísimos rochedos talhados a pique em toda a costa do norte, e na maior parte da do sul; e por isso naturalmente defendida d'inimigos". E, na verdade, esta ilha vista do lado do norte, tem um aspecto medonho. Não se descobre uma habitação, havendo-as com tudo n'uma ou n'outra de suas fajãs.

No lado do sul a parte que comprehende a freguesia de Rosaes, o alto das Manadas aos Biscoitos da Calheta, e da Ribeira Seca ao Topo, é também a costa de altíssimas rochas, sendo o local em que assenta a freguezia de Urzelina o unico que do alto da ilha descae regularmente até à beira mar, tornando-o bello e aprasivel.



Tem adjacente os ilhéos – da **Ponta do Topo**, a sueste, - e do Canalhoto, na ponta de Rosaes, a noroeste.

As suas pontas ou cabos mais notáveis são: - a **ponta Ruiva, Morro Grande**, próximo da villa das Velas, a de **Rosaes** no extremo noroeste, **Queimada, Garajáu, Castelletes, Calheta, Vicente Dias, Mosteiros, Forcada e Pontinha** na costa susudoeste e **Silveira** a sueste.

Ao norte do **Topo**, a dos **Cubres**, das **Vinhas, Redonda, da Caldeira, Fajã do Bello, Norte Grande, Norte Pequeno,**

Furada, Rasa, Vieira, Gallego e Gaivota.

Em toda a sua extensão tem a ilha diferentes picos, sendo o mais elevado o da **Esperança**, ao centro, dividindo a freguesia das Manadas ao sul, da do Norte Grande ao norte, o qual mede 1:085 metros acima do nível do mar.

Grande numero de ribeiras dão vasão ás aguas de suas montanhas, sendo as mais notaveis: - a **Ribeira d'El-Rei, d'Agua, do Bello, das Figueiras, do Ribeirinho, de S. Pedro, da Almeida, da Fajã, da Courella, das Casas do Matto, Larga, dos Biscoitos, Ribeira Secca, do Vedor, dos Vimes, dos Bodes, do Cedro, do Salto, de S. Thomé, do Meio e Lexias**, todas estas a sul da ilha: e ao norte a **Ribeira Funda, da Ponta Furada, da Rasto, Ribeira da Areia, da Caldeira ou da Laranjeira, Sanguinhal** ou da **Fajã Redonda**.

São perenes as ribeiras de S. Thomé, do Meio e Lexias, cujas aguas dão movimento a muitos moinhos das povoações circumvisinhas.

As imensas pastagens de prados naturais para criação de gados, são a principal riqueza da ilha, que n'esta especie de terrenos é a primeira do archipelago e por isso a mais impartante na industria de lacticinios.

Tem a ilha uma extensa serra municipal para logradouro commum, o antigo **escalvado**, com uma superficie superior a 700 hectares, pertencendo uma pequena fracção ao concelho da Calheta.

Além das erupções vulcânicas de 1580 e 1808, houve em época anterior ao descobrimento. São disso prova os terrenos queimados nas imediações do **Pico dos Louros** e **Cabouco**, acima da Villa das Velas, e toda a área entre os Biscoitos da Calheta e a freguesia de Manadas ao sul, partindo para o norte até ao extremo do lugar do Norte Grande do da Ribeira da Areia.

É dividida em dois concelhos – das Velas, cabeça da comarca judicial, e do da Calheta, pertencentes ao distrito d'Angra do Heroísmo e bispado dos Açores. A demarcação dos dois concelhos é a **Ribeira Larga** ao sul e a **Ribeira da Areia** ao norte, em linha recta, como foi acordado pelas duas câmaras municipais em data de 21 de novembro de 1716.



A ilha formava três concelhos, sendo o terceiro o do Topo, composto da sua então única freguesia. Foi extinto por decreto de 24 de outubro de 1855 e anexado ao da Calheta, dando-se logo à execução na parte judicial em 18 de março de 1856 e na administrativa no 1º d'abril de 1870.

O das Velas fica ao ocidente da demarcação e o da Calheta ao ocidente.

Esta ilha tem três villas – Velas, Calheta e Villa Nova do Topo, e onze freguesias: Matriz de S. Jorge na villa das Velas, Rosaes, Santo Amaro, Urzelina, Manadas e Norte Grande, pertencentes ao concelho das Velas – Matriz de Santa Catharina na villa da Calheta, Ribeira Seca, Norte Pequeno Santo Antão e Senhora do Rosário. A sua população pelo recenseamento de 1890, era de 17:065 habitantes com 4:635 fogos. No ano de 1796 a população era de 14:407 almas.

JOSÉ CANDIDO DA SILVEIRA AVELLAR
In: Ilha de S. Jorge (AÇORES)
Apontamentos para a sua história, 1902.

SÃO JORGE ILHA DE MARAVILHOSAS PAISAGENS

Nesta ilha de S. Miguel, mercê da inteligente campanha do nosso distinto colega "Diário dos Açores" pela pena de Alcindo Coutinho, continua a produzir os seus magníficos resultados o chamado TURISMO CASEIRO.

O micaelense embebe a vista nas belezas panorâmicas da sua terra, aprende a amá-la com mais fervor e sente a natural aspiração de a ver engrandecida e prestigiada aos olhos dos estranhos que nos visitam. No esforço contínuo de valorizar este torrão bendito que as gerações



passadas salpicaram de suor e de sangue, tem colaborado com inteligência e são critério o capitalismo ilhéu, impulsionando e fomentando novas fontes de riqueza que são base de boa harmonia social pelo contributo de bem-estar que prestam às populações ruois trabalhadoras. As nossas actividades comerciais e fabris bem no demonstram...

Mas não basta que conheçamos apenas a nossa terra. É também necessário conhecermos os outras parcelas de toda esta linda pátria açoriana, os encantos das suas paisagens, a exuberância do seu solo, as possibilidades económicos e turísticas das outras plagas islénicos.

Tocodos por este fascinante desejo, lá fomos a caminho do ilha de S. Jorge.

As vilas e aldeias daquela ilha têm o encanto e frescura da sua rusticidade. As ricas pastagens estendem-se até aos cumes dos picos sobranceiros e são riscodas por longos cordões de hortênsias azuis, brancas e cor-de-rosa em alternâncias e contrastes a separar os verdes quentes e fortes que em largas manchas lembram a louca fantasia de pintores de génio em moderníssimos

painéis. Na faixa do litoral, até mesmo sobre a lava de antigos vulcões, as searas, os vinhedos, os pomares, as extensas matas de pinheiros e de eucaliptos são testemunhos do labor e persistência do campónio jorgense, que ali, como no solo distante da Califórnia, soube transformar em ricos vergéis a terra ingrata e sáfara. Nas fábricas de lacticínios continua a manter-se o pretígio das sua principal indústria com afamados productos que recordam, aqui e no continente, a intensa actividade das empresas daquela ilha.

Parecia que tudo isto seria o bastante para os poderes públicos olharem com mais atenção para as necessidades dos povo jorgense. Só agora a Junta Autónoma das Estrados procede

rectificação do traçado de velhas vias de comunicação e a Junta Autónoma dos Portos melhora as condições dos seus desembarcadiros. Isto, que já há um século se devia ter feito, e que privou a ilha de tão elementares princípios de progresso, constitui até ao presente um motivo de desgosto pelo abandono e que votaram os direitos naturais de que trabalha e contribui também para a economia geral da Nação.

A ilha de S. Jorge possui até excelentes motivos de atracção turística. É nela que se encontra o mais belo panorama dos Açores, segundo o afirmou o Coronel Francisco Afonso de Chaves. É na costa norte, a dois passos da freguesia do Norte Pequeno, na base de arriba alterosa, rente



ao mar, que se espraia em remansosa lagoazinha a Fajã da Caldeira, cujo orago, o Senhor Santo Cristo, parece ter ali concentrado todas as belezas naturais como homenagem à sua excelsa realza e majestade.

A Caldeira de Santo Cristo! Quem pode esquecer esta visão de sonho?

Tivemos de a admirar à distância porque o caminho que lá conduz é um simples atalho, quase intransitável verdadeira *via crucis* daqueles honrados e operosos portugueses a quem é preciso dar a consciência prática de que ali é Portugal. A Fajã de Santo Cristo merece uma estrada em condições. Esta estrada serviria outros povoados como as Fajãs dos Tijolos, Belo e dos Cubres, outras tantas maravilhas capazes de figurarem nos melhores cartazes de atracção turística.

Quando o saudoso Dr. António Martins Ferreira era o chefe político do concelho da Calheta, iniciou-se a construção do desejado ramal, que já deve ter a extensão de km. Mas, como muitas obras de reconhecida utilidade pública daquela época, não chegou ao fim. Diz-se que tudo é substituível neste mundo. Não o foi ainda, porém, a figura daquele homem público a quem o concelho da Calheta tanto deve. Todos os que visitam a Fajã da Caldeira não escondem o encanto da sua permanência ali, e contam embevecidos as agradáveis

impressões daqueles poentes roxos e alaranjados, que fazem projectar a casario nas águas sonolentas da graciosa albufeira. Não se esquece facilmente aquelas arentas margens povoadas de numerosas amêijoas, maiores e mais saborosas do que as que se criam nas praias do continente.

Um pouco distante da vestuta ermida, construída em 1833, existe uma nascente de água sulfúrea analisada em 1877, ano em que apareceu, par Mr. Von Bonhst, químico da Instituto Industrial de Lisboa, e que, pela sua composição é aconselhada como regulador da digestão, pois os seus efeitos são semelhantes aos da água de Vidago.

Mas não ficam par aqui as belezas da Fajã de Santo Cristo.

Par uma estreita brecha da rocha pode passar-se para uma lagoa subterrânea, sab uma abóbada de basalto, e que pode ser percorrida com pequeno barco desmontável e com de lanternas. É também nesta Fajã que existe um jorro de água julgada pelos técnicos suficiente para electrificação geral da ilha.

Seriam precisas mais razões para a construção da estrada a que aludimos?

Há outras de ardem humanitária e caritativa: Os habitantes daquelas fajãs – dos Cubres, da Caldeira, dos Tijolos e da Bela – não têm médico e quanda asa circunstâncias forçam a procurá-lo surge o problema gravíssimo dos transportes, que só podem ser feitos de gericó ou a pé.

22

Limitei-me aas diferentes aspectos que justificam a construção da estrada da Caldeira, mas muito se poderia dizer desta linda Ilha de S. Jorge.



ATAQUES DE PIRATAS NO PORTO DA CALHETA DE SÃO JORGE

A Vila da Calheta foi por diferentes vezes teatro de vários encontros com mouros e outros inimigos.

Uma foi a invasão que praticaram os ingleses no tempo da rainha mãe, antes de 1610, em uma armadilha de cinco naus e um burloque que Manuel d' Azevedo Tomé Gregório e Simão Gato, o velho, fizeram retirar, tomando Simão Gato aos ingleses uma bandeira que arvorou, premiando o governo tão glorioso feito com a criação de capitania-mor da Calheta, e nomeando para este cargo 1º capitão-mór ao dito Capitão Manuel d'Azevedo.



No período de 1677 a 1690, no porto da Calheta, houve outro encontro de corsários turcos que davam caça a um navio de Cabo Verde que fugindo-lhe se socorreu no dito porto; vencendo os calhetenses os corsários, livraram o dito navio, tomando parte activa nesta defesa o Capitão-mór Bartolomeu Nunes Pereira.

E ainda no século findo, a 5 de Dezembro de 1816 foi o dito porto da Calheta atacado por um navio de piratas que pretendia aprezar o brigue-escuna português **Santo-Cristo-Diligente**, nele refugiado e do qual era capitão Joaquim Severino Avelar... Este brigue saíra da Ilha do Faial, no dia 3 do dito mês de Dezembro, carregado de aguardente e várias encomendas para a ilha da Madeira, e amanhecendo no dia 4 E.O. com o Monte da Guia da dita ilha, em distância de meia légua, lhe saíu da parte do norte uma escuna de guerra com bandeira americana-inglesa e deitando logo um escaler com 8 homens armados de pistolas, espadas e punhaes, saltaram a bordo do dito brigue, prenderam o capitão que conduziram aa corsária, a quem exigiram as papéis do navio que não haviam encontrado. O capitão Joaquim Severino pude convencê-los a voltar ao seu navio para lhos entregar, e então aí, estando os corsários que ficaram neste navio, bêbados, desviou este bartavento do corsário, na bordada de S. Jorge, refugiando-se no porto da Calheta.



O corsário em perseguição do brigue atacou o dito porto que foi defendido bizarramente pelo capitão Jacinto Soares d'Albergaria, que dirigiu a artilharia contra o dito corsária que vencido deixou a presa.

O corsário, era armado à ordem d'Artigas, presidente da república de Buenos Ayres, então em guerra com Espanha, que Portugal ajudava...

J. C. SILVEIRA AVELAR
In: Almonaque Popular dos Açores. 1º ano, pág. 25.
Tipografia Micaelense. Ponta Delgada, 1950.

DAS EXCELÊNCIAS DA ILHA DE S. JORGE

(Segundo o Padre António Cordeiro, historiador açoreano dos princípios do século XVII)

A primeira é a sua grandeza, pois de dez léguas em a comprimento, tem mais de vinte em roda, e excede a muitas das outras Ilhas; e tem três Vilas, Topo, Calheta e Velas, e cinco Lugares, além de muitos lavradores espalhados, com que tem mais de mil homens de armas, os quais bastam para se defender de muitos mil que a cometam; porque da parte do Norte não só o bravo e perigoso mor, mos as espantosas rochas o defendem; e pelo parte do Sul, também o mais é de rochas, que posto que menos altas, ainda o são tonto; e tão precipitadas sobre o mar, e com tão difíceis e poucos caminhos que poucos homens de cima só derrubando calhaus, totalmente impedem a entrada a inimigos, por e mais que eles sejam: e na parte onde

a Ilha dá entrada boo, como na principal Vila das Velas, e seu seguro porto, aí tem Fortoleza, artilhario e alguns quinhentos homens de armas, que bastam para da terra impedirem a quem quiser nela saltar.

A segunda excelência é, ter esta Ilha por seu Capitão Donatário o mesmo que o é de Angro e de toda a Ilha Terceira, com que esta é obrigada a acudir-lhe mais do que as outras Ilhas, como sempre fez; e da mesma sorte é mais obrigada a Ilha de São Jorge e acudir à Terceira quando necessitar disso, como no ano da Aclomação lhe acudiu com o General para a Armada, com a soldadesca e com as armas e munições, com que pode acudir-lhe, além dos mantimentos que sempre leva à Terceira, pois é uma quase enfiteuta ou feudatária da Terceira, e nisto também tem S. Jorge grande alívio de nunca ter dentro em si a opressão do Capitão Donatário residente lá, mas ter, há mais de cento e trinto onos, oo Rei de Portugal por seu Donatário, como tem a Ilha Terceira, desde que o Marquês de Castelo Rodrigo não tornou à Terceira.

A terceira excelência é o clima desta Ilha, e tão bom temperamento de seus ares que não se sabe que nela houvesse alguma hora peste,

tendo-a já havido em outras Ilhas; ao que ajuda muito a grande abundância de água que há nesta Ilha, porque até o altíssimo espinhaço ou serra que lhe divide o Sul do Norte, e que corre de Leste a Oeste, contém muitas lagoas, fóra as muitas ribeiras e fontes que tem por Norte e Sul, e todas de água doce e sádia, por ser tão estreita o Ilha em a largura e sobre terras tão frescas o ar raramente se corrompe ou se preverte em peste; e por isso nesta Ilha se vive muito e com boa saúde; o que murmuradores atribuíram a não haver nela Médicos de profissão, que parece, onde são muitos, aí são mais as doenças; sendo que eles as não fazem, e só pretendem desfazê-las e preservar delas aos sãos, e os vícios são as que as causam.

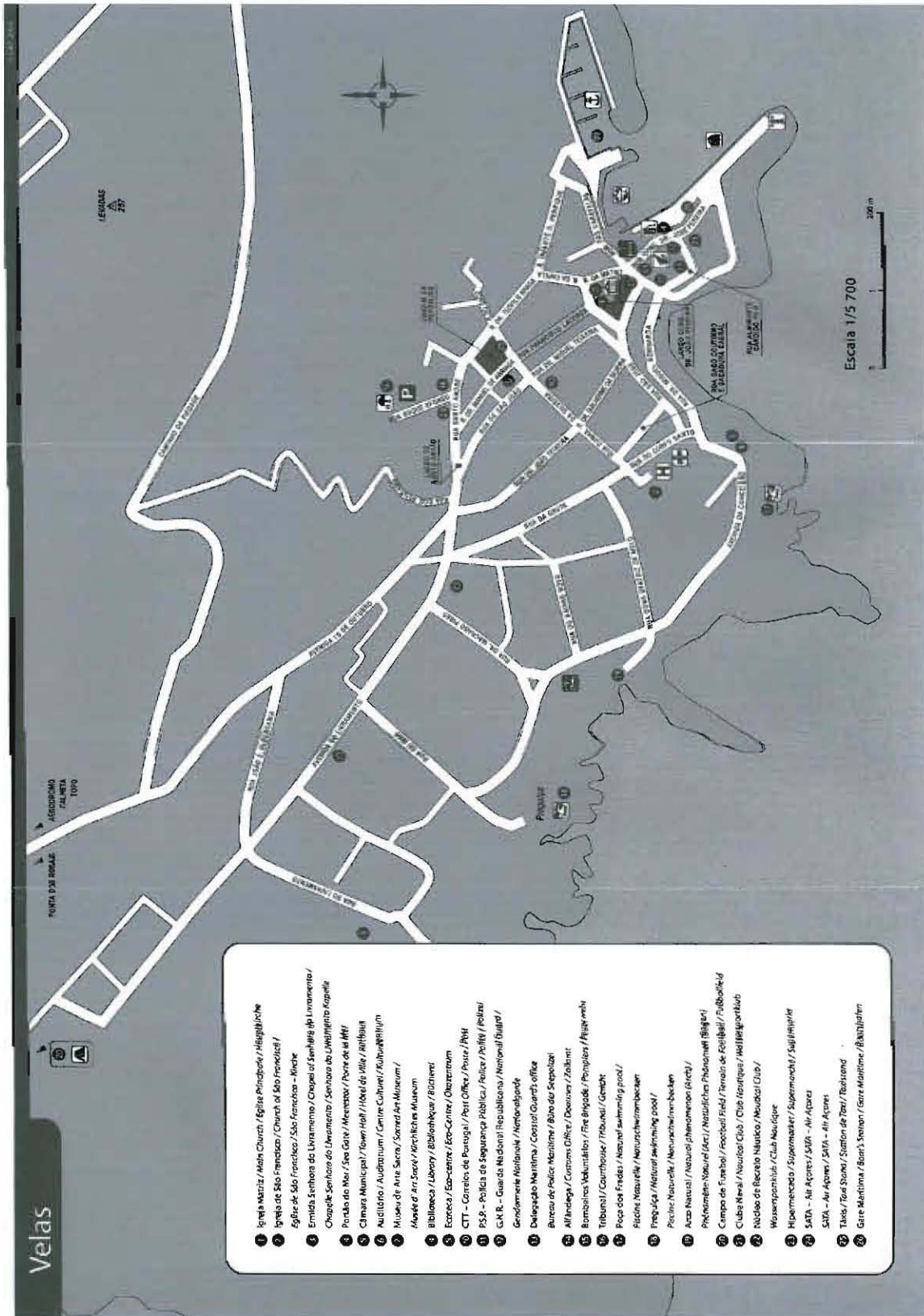
Quarta excelência é a qualidade e abundância dos frutos da tal Ilha; porque primeiramente é tão obundante de muita e boa madeira, que não só para o gasto ordinório e necessário



sempre, mas oindo para fazer navios e navios grandes, tem toda a que se requiere; e sobre ela toda a casta de aves, de perdizes, codornizes, galinhas, golipavos e inumeráveis adens, e até das de música excelente, como canários, melros, etc., muitos coelhos e também muito furão e infinidade de gados, vacas, porcos, carneiros, ovelhos e multidão de cabras e das ovelhos os melhores queijos, que há nas Ilhas e excelentes lacticínios; frutas de árvores tem de todas a casta e excelentes frutos da terra copiosíssimos: o trigo é muito e o vinho tanto que dá três mil pipas de vinho cada ano e em alguns anos mais; porque, ainda que se queimaram tantas vinhas no fogo dos tremores, com tudo nestas Ilhas se planta e dá o melhor vinho entre o biscoito queimado; e assim o desta Ilha é generoso e buscado.



Finalmente de todos seus frutos tem a Ilha de S. Jorge gasto certo, porque ainda que não seja muito frequentada de navios, tem tantos barcos grandes e de duas ou três velas, a que chamam Caravelões, que levando tudo à Terceira, não só lhe vai desta o dinheiro, mas tudo o mais necessário e faz o officio de Quinta grande e nobre da Real Cidade de Angra.



A ILHA CERCADA DE PRECÍPICIOS SÃO JORGE

O nosso "Carvalho Araújo" fez rumo a sudoeste, rodeou a ponta oeste da ilha, da ilha de São Jorge, navegou depois ao longo da costa sul da ilha por uma extensão tanto como cerca da quarta parte dela e chegou às Velas às 11:30. Tinha percorrido 35 milhas.

Vista de perfil, no extremo, a ilha é cercada de precipícios aterradores, quasi verticais. Estradas



e aldeias de casas brancas tomam uma linha horizontal bem acima do tordo das quebradas. Aqui e além túneis de lava encontram-se perto do nível da água, como pontos negros. Pelo mar há quantidade infinita de cagarros (Puffinus), pousados em bandos, que desatam a voar logo que o navio se aproxima. Diz o Coronel José Agostinho que estas aves fazem de noite grande

barulho, com gritos estridentes e apavorantes. Além dos cagarros vemos grandes bandos de gaivotas e de pombas. Decerto escolhem estas aves muito acertadamente estas paragens para fazerem ninho, por serem inacessíveis aos seus inimigos.

A ilha de São Jorge tem 55 ou 53 quilómetros de comprimento e a sua largura é no máximo de 6 quilómetros. Muito comprida e estreita, terminando em ponta em ambos os extremos, eia estende-se de oesnoroeste para lessueste. Toda a ilha é uma massa de vulcões, com a maior elevação, o Pico da Esperança (1106m) mais au menas ao centro. Na periferia encontram-se precipícios quasi a pique com 300 a 500 metros de altitude.

Camo se depreende desta configuração topográfica, o mar em volta da ilha é bastante profundo e o ancoradouro das Velas fica muito perto da terra.

No regresso, a 2 de Outubro, estivemos aqui desde as 15:30 até cerca da meia-noite, mas, devido ao mau tempo e às mas condições do tempo e às más candições dos serviços das lanchas, não pude ir a terra em ambas as vezes.



SOBRE AS ILHAS DE SÃO JORGE E GRACIOSA

- 1º Estas cinco ilhas, Terceira, São Jorge, Faial, Pico e Graciosa, foram descobertas do ano de 1444 até 1449, porque neste ano deu El-Rei Dom Afonso o quinto licença a seu tio, o infante D. Henrique, para mandar povoar estas ilhas, por serem já descobertas. Em qual destes cinco anos fosse descoberta esta ilha, se não sabe, senão somente o dia, em 23 de Abril, que é dia de São Jorge, de que tomou este nome.
- 2º Quem fosse o seu povoador certamente se não sabe. Uns dizem que foi Jácome de Bruges, flamengo, homem fidalgo, que foi o primeiro donatário de toda a ilha Terceira; outros que fora Guilherme da Silveira, também flamengo, mas este só povoou o Topo, como adiante diremos; outros dizem com mais razão que fora João Vaz Corte-Real, depois que a ilha Terceira foi dividida em duas capitánias, sendo ele donatário da Capitania de Angra, porque El-Rei Dom Manuel, sendo ainda Duque de Beja, lhe fez mercê da Capitania desta ilha em 29 de Maio de 1493, e neste tempo, com gente da Terceira, se começaria a povoar, porque os nobres apelidos que seus moradores têm hoje são os mesmos dos moradores da Terceira.
- 3º Tem esta ilha des léguas de comprido e tem de largura uma só e em partes ainda menos. Tem três vilas, cada uma tem Câmara e capitão-maior, que a governa, e um ouvidor eclesiástico que governa toda a ilha, em toda ela há só oito freguesias. Tem muitas madeiras, pouco trigo e mais vinho, com abundância de gados de vacas, cabras e ovelhas; basta o trigo para sustentar a terra, que, de madeira, vinho, gados, vende muito para fora. Acresceu uma de novo, paróquia de Santo Amaro.

28

SOBRE A VILA DAS VELAS

- 1º Tendo esta ilha três vilas, esta foi a primeira e é de todas a principal, porque além de ter Câmara, capitão-maior, como as outras, nela se assiste o ouvidor eclesiástico para as coisas da Igreja e o almoxarife para a Fazenda Real. Tem o melhor porto das ilhas, onde todas as embarcações, nos maiores temporais, acham amparo, e por muitas vezes encherem o porto de velas, tem este nome a vila.



SOBRE A VILA DA CALHETA

- 1º Fai este lugar sujeito à Vila das Velas como cabeça da ilha, mas como nele crescesse a gente e tivesse bom porto de mar, El-Rei Dom João terceiro a fez vila com o mesmo nome que tinha de Calheta, que tem este nome pela grande que faz o mar em o porto que tem.



Há nela Câmara, capitão-maior e muita gente nobre, que a governam, e ouvidor eclesiástico, que pôs o bispo Dom António Leitão.

SOBRE A VILA DO TOPO

- 1º Não sei se é Tope ou Topo esta vila da ilha, que dista oito léguas de Angra, que, sendo seu fim ou princípio, foi a última parte que se povoou em a ilha. É certo que foi seu primeiro povoador Guilherme Vanderago, fidalgo flamengo, e Vanderago na língua flamenga quer dizer, na nossa língua, bosque de silvas, e ele, depois que falou português, se chamava Guilherme da Silveira, e os Silveiras que há hoje no ilha dele procedem.
- 2º Job Dutra depois de estar senhor do Faial, que lhe puseram este nome por acharem toda a ilha coberta de faias, tornou o Bruges, cidade de Flandres, vindo com dois navios carregados de gente para povoar estas ilhas; veio com ele este fidalgo, com sua mulher Dona Catarina d'Azambuja, e sendo rico, deixou a sua pátria por se livrar das guerras civis que havia em Flandres; e as 400 soldados que nos dois navios vieram, dizem que à sua custa vieram. Como na ilha do Faial se não acomodasse com Job Dutra, se foi com gente para a ilha das Flores; daqui tomaram motivo para dizerem que fora o seu descobridor e o primeiro povoador que nela entrara; mas como nesta ilha se não acomodasse com as flores da terra, veio para a ilha Terceira, onde algum tempo fez assento nas Quatro Ribeiras.



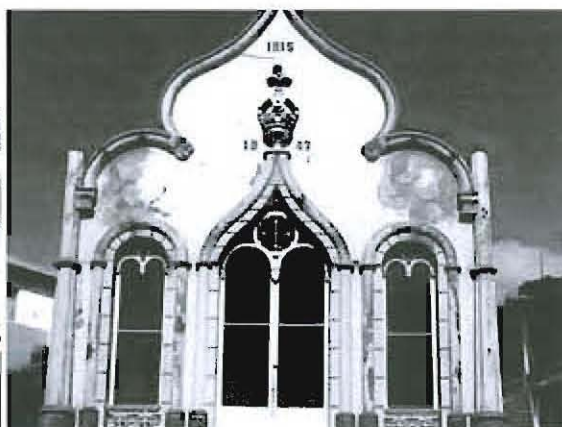
- 3º Destas Quatro Ribeiras veio com sua gente para esta Vila do Topo, e como foi o povoador que nela entrou, foi lavrador que se dizia de muitas moios de trigo, e dizem fora o primeiro que nos ilhos semeou pastel. Foi também cristão que mereceu saber a hora da morte, e antes que Deus o levasse, por suas casas andou buscando os amigos e santamente morreu, entregando a alma a quem a criou.

- 4º Foi crescendo de modo o povo neste lugar, que El-Rei Dom João terceiro a fez vila, juntamente com a Calheta e São Roque do Pico, dando-lhe o nome que tem por estar no topo da ilha, com portoufa, aberto ao picão, no qual se recolhem as embarcações cossadas dos temporais, fazendo viagem para as mais ilhas. Tem Câmara e Capitão-maior e muita nobreza, que a está governando.

DA FREGUESIA QUE TEM ESTA VILA DO TOPO

- 1º Nossa Senhora da Rosário é o orago da freguesia desta Vila do Topo, que tem vigário, cura, um beneficiado com seu tesoureiro; com 125 fogos e 920 pessoas. Tem púlpito que paga El-Rei; com três ermidas: Nossa Senhora d' Ajuda, São João Baptista, São Pedro, e sua Casa da Misericórdia.

30





SÃO JORGE CONDENADA MAS SEMPRE SOBREVIVENTE

Jácome de Bruges (Guilherme da Silveira) fidalgo flamengo e Vasco Annes Corte-Real, segundo opinam vários historiadores, descobriram esta ilha em 1449. Com 316,26km² de superfície tem uma população de 15.973 habitantes. De configuração de um torpedo faz parte do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo.

O primeiro povoado descoberto foi o lugar do Topo que noutros tempos já foi vila em 1510 e, deixou de o ser a partir de 1870. Hoje há apenas duas vilas: Velas e Calheta, a primeira (anterior a 1460) sob a presidência de Fernando de Mesquita e a segunda em 1534, que tem a presidir Domingos Oliveira.



Em frente, quase paralelamente está o Pico e a separá-las o Canal de São Jorge. Os seus panoramas são surpreendentes. A prumo sobre o Oceano a falésia escarpada e gigante. Do alto desprende-se a vegetação selvagem. As erupções mais graves foram as de 1580 (durante quatro meses), 1757, 1808 e, ultimamente, em 1964 (29 de Fevereiro a Março) cerca de 504 abalos, considerados de grau 3 a 7 da escala Mercalli. Em consequência disto foram destruídas 900 habitações. As populações da zona sinistrada (Velas, Rosaes, Beira, Santo Amaro, Toledo, Ribeira do Nabo e Urzelina) foram forçadas a abandonar as suas regiões e procurar abrigo em algumas freguesias do concelho da Calheta e outras foram mudadas para a ilha Terceira. Este estado de coisas fez agravar a vida económica e social da concelho das Velas. Hoje, devido ao auxílio estadual a zona sinistrada já se encontra reconstruída mercê de grandes verbas 21.250 contos (Plano de Recuperação) tendo sido edificadas igrejas, escolas, hospital, edifício da Delegação Marítima e Posto Policial, sociedades recreativas, cemitérios, impérios do Espírito Santo etc. . Nota-se um frenesí de construção.



Além do plano já mencionado o Ministério da Justiça mandou construir o Tribunal e a Casa dos Magistrados onde ficarão instalados todos os serviços judiciais.

Por conta dos fundos que foram produtos de colectas e, que são administrados pelo governo distrital foram aplicados benefícios em casas de pobres e de participações especiais que ultrapassam os 200 contos. Está a ser construído um bairro de 700 novas habitações para famílias de posses reduzidas.

O porto das Velas em franca construção sofre um aumento de mais 2/3 do que tinha para cais aceitável com uma frente de 90 metros de quotas de 5, onde poderão acostar navios até 800 toneladas. Incluirá, também, uma nova rampa de varagem. O total ultrapassa 7500 contos. Em 1967 o porto é já uma grande realidade. O **Cais não é uma saude de pedra** como diz Fernando Pessoa.



Também, o Ministério das Cooperações e Providência Social pretende construir 30 habitações (Velas, Rosaes e Beira). O Município de Velas aguarda a comparticipação de projectos para electrificação de Rosaes, Beira, Urzelina e Manadas cujo total ultrapassará os 7500 contos.

Escalonado para execução o abastecimento de água a Santo Amaro, Beira, com o reforço de caudal das Velas que deve atingir 2300 contos.

Acrescente-se a todos estes empreendimentos a construção de duas estradas: Caminho da Fajã das Almas (461 contos), além da compra de terrenos para edifícios escolares, num total de 12 salas de aula no montante de 300 contos. O povo jorgense é tradicionalista. Nos descantes populares ainda parece usar os versos septissílabos com quadras às vezes improvisados de momento acompanhadas ao som da viola de arame ou de alguma rebeca.

Dedica-se, especialmente, ao cultivo da terra, à exportação de gado e à indústria de lacticínios. Aqui é onde se fabrica o melhor queijo do arquipélago. Cultiva, outrossim em grande escala **inhame**, tubérculos de fécula saborosíssimos. As mulheres bordam e tecem nos teares rudimentares, enquanto cuidam dos serviços domésticos. Também, como em todas as ilhas, emigra-se para as Américas. Entretanto, pensa-se radicar grande porção de famílias jorgenses em Angola através do Ministério do Ultramar que já concedeu facilidades e embarque para 60 famílias do concelho das Velas que levaram consigo alfaias e gado.

O Topo tem um porto sem condições. No entanto, dedica-se à pesca do cachalote, embora haja dificuldades na varagem de embarcações.



SÃO JORGE – MIRADOIRO DE ILHAS, PASTAGENS, CANAIS E FAJÃS

Situada no grupo central do arquipélago dos Açores, a ilha de São Jorge é uma longa cordilheira que, saindo do mar se estende no sentido nascente-poente. Do lado sul, as encostas descem até às penedias da beira-mar, onde se abrem pequenas enseadas, enquanto, do lado norte, a serra é cortada abruptamente sobre línguas de terra onde se situam as fajãs. Com uma superfície de 237,59 km² e 10 643 habitantes [censo de 1981], esta ilha, no contexto da história insular, é das menos conhecidas, não obstante os esforços de Duarte de Sousa, Silveiro Avelar,

34



Azevedo da Cunha ou Teixeira Soares. Ilha do grupo central, nem por isso manteve estreitas relações económicas e culturais com alguma das suas vizinhas, como aconteceu com a Graciosa, muito dependente da Terceira, ou com o Pico, interligado ao Faial. O seu comprimento [65 km], a considerável altitude e o litoral escarpado que geralmente apresenta isolaram-na das restantes ilhas, ditando-lhe um destino diferente.

Referida desde 1439, a ilha de S. Jorge poderá ter recebido o primeiro grupo de povoadores com Guilherme Van der Hague [Guilherme da Silveira], que se teria estabelecido no Topo já nos anos seguintes a 1468. A capitania desta ilha, porém, foi dada por D. Diogo, duque de Viseu, em 1483, a João Vaz Corte Real, também capitão da de Angra, na ilha Terceira, pertencendo depois ao marquês de Castelo Rodrigo até ser incorporada na Coroa logo após a Restauração.

Integrando três concelhos: Velas [c. 1490], Topo [1510] e Calheta [1534], seria anexado o este último o pequeno concelho do Topo em 1885.

A constituição geológica e o relevo da ilha favorecem a exploração pecuária, especialmente importante na parte norte. É nela que se estendem as melhores pastagens e onde se criam milhares de cabeças de gado vacum. O fabrico de queijo – o famoso queijo da ilha – tem aqui a sua forma originária e genuína, constituindo a sua maior e quase única riqueza industrial. A exploração agrícola é, porém, também condicionada pela sua constituição física, pois os cereais, em regra, cultivam-se só abundantemente nas extremidades da ilha e em certos locais do litoral sul. Presentemente, a diminuição populacional, com a conseqüente escassez de mão-de-obra, a falta de vias de comunicação para o interior, impossibilitando a mecanização, os bons mercados de consumo dos lacticínios e da carne de vaca, tem levado o agricultor jorgense a transformar as terras, outrora de cultivo de cereais, em pastagens para a criação de gado vacum. Aliás, a produção cerealífera nunca foi considerável em séculos anteriores. A atestá-lo estão as frequentes restrições à venda de trigo para o exterior ou as crises alimentícias de 1593, 1647, 1678, 1713, 1812, 1846-1847 e 1893-1894. O cultivo da vinha, embora tenha atingido nos séculos XVI e XVII valores consideráveis, hoje é insignificante.

A actividade piscatória é feita ainda por processos artesanais e quase só na costa sul da ilha, exceptuando a pesca do atum, já realizada em modernos barcos [traineiras]. Possui também a ilha duas pequenas unidades industriais de conserva de peixe – principalmente de atum – localizadas na Calheta e que laboram apenas nos meses de Verão.

Na costa sul localizam-se as duas vilas da ilha, Velas e Calheta, sedes dos concelhos do mesmo nome, constituindo em regra as únicas saídas para o exterior, pois que está ainda em fase de construção o Aeródromo de S. Jorge, localizado na Fajã da Queimada, nos arredores de Velas, o seu maior centro populacional da ilha [1855 habitantes]. O seu traçado urbanístico, as múltiplas ruas que a recortam, as igrejas e os belos solares ainda hoje existentes dão-lhe um aspecto citadino não vulgar em outras vilas do arquipélago. O seu cais acostável transformou-a em ponto quase obrigatório de penetração na ilha.





Saindo desta vila com destino à Calheta e seguindo a Estrada do Sul, deparam-se-nos as Fajãs da Boa-Hora e Queimada, as freguesias de Urzelina, Terreiros e Manadas, zonas secas e de clima ameno onde existem vários solares da antiga nobreza local. Do lado norte, zona particularmente alta, freguesias e pastagens, alternam-se numa paisagem deslumbrante. A estrada, no Verão ladeada de hortênsias azuis, percorre as freguesias de Norte Pequeno e Norte Grande. Distante desta, a 3 km, à beira-mar, encontra-se um dos locais mais aprazíveis da ilha: a Fajã do Ouvidor, estância de veraneio ou, no Inverno, local procurado pelos habitantes do Norte Grande, que, fugindo ao rigor do frio, se refugiam nas suas adegas à beira-mar, enquanto aproveitam as cortes ali existentes para alimentarem algum gado.

Devastada em diversas épocas por terríveis crises sísmicas [1580, 1757, 1808, 1964 e 1980], o seu património arquitectónico foi duramente afectado por tais terremotos e, em especial, a arquitectura religiosa, particularmente rica no arquipélago. Apesar disso, merece relevo especial o altar-mor da Igreja Matriz de S. Jorge, na vila das Velas, de talha dourada, de composição parietal, com ordens sobrepostas, enquadrando painéis pintados e imagens. É um dos poucos exemplares do período antigo de talha portuguesa a que Robert Smith denominou «estilo arquitectónico», e foi oferecido o esta vila em 1570 por D. Sebastião. Na mesma igreja existe ainda estatuária rica dos séculos XVII e XIII.

Ainda nas Velas, próximo do mar, na igreja do antigo Convento de S. Francisco – hoje transformado em hospital –, encontram-se também três altares de boa talha dourada dos finais do século XVII e início do seguinte.

A Igreja de Santa Bárbara, setecentista, na freguesia das Manadas, é o mais rico templo existente na ilha. De uma só nave, o seu exterior, simples e pobre, contrasta com a riqueza artística do interior: altares de boa talha, tecto pintado e apainelado, com barrotame exterior moldurado e enquadramentos com motivos religiosos, telas murais, azulejos azuis sobre fundo branco, etc. .

Na arquitectura civil merece especial menção a Câmara Municipal de Velas, construída também no século XVIII, cujas colunas, ladeando a entrada e encimadas pelas armas reais, lhe emprestam certa nobreza. No seu interior, o salão possui rico tecto armoriado de madeira policromada em coixotões.

O povo jorgense, apesar das calamidades a que foi sujeito, desde as crises sísmicas às alimentícias, passando pelas inundações, é por natureza dócil, resignado e profundamente religioso. A dureza do seu trabalho, a lealdade ou o seu espírito religioso estão fielmente retratados nos mais variados aspectos da sua produção cultural. Folclore, romanceiro, artesanato e, sobretudo, o seu rico cancionero são bem o índice da sua cultura: açoriana e portuguesa, mas marcada pelo forte carácter do povo da ilha de S. Jorge.

**In: À descoberta dos Açores.
Seleções do Reader's Digest, SARL., 1982.**

LOCAIS A VISITAR

Calheta: Igreja de Santa Catarina [séc. XVII]. Fajãs: Entre Ribeiras; Ouvidor; S. Jaça; Vimes. Manadas: Igreja de Santa Bárbara, a popular mais artístico dos Açores, mestre de S. Jorge [séc. XVIII]. Norte Pequeno: Igreja. Os Nortes: Igreja de Tapa, ermida e casa dos Tiago da Silveira. Piedade: Ermida da Piedade. Urzelina: Igreja e torre. Velas: matriz e Igreja de S. Francisco, paços do concelho, vista panorâmica – Entre Marras e Conoviais.

FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Festividades em toda a ilha em louvor do Divino Espírito Santo.

ARTESANATO

Fajã dos Vimes: colchas

GASTRONOMIA

Amêijoas; doçaria: bolo de véspera, rosquilhos de aguordente; queijo da ilha.

BREVES NOTAS SOBRE A ILHA DE SÃO JORGE

As palavras que se seguem vão constituir uma pequena comunicação sobre a ilha de São Jorge, procurando-se que o seja duma maneira simples e sucinta; se bem que abrangendo vários aspectos, pretende-se, apenas, que seja um pouco útil a quem desejar conhecer esta ilha, ficando, então, com uma ideia, embora vaga, do que ela foi, é e poderá ser ou vir a ser.

São Jorge é a ilha mais central das 5 do Grupo Central do Arquipélago: a Norte fica-lhe a Grociosa a uns 40 km, a Sul o Pico a 20, a Nascente a Terceira a 40 e a Poente o Faial a 30; de variados pontos se podem ver, ao mesmo tempo, todas estas ilhas.

É uma cordilheira no sentido nascente/poente. A costa norte é alta e muito a pique, daqui resultando que as povoações se encontram em altitudes elevadas – as mais elevadas dos Açores – chegando a ultrapassar os 500 m.



A situação atlântica, com maior proximidade da Europa do que da América, dá à fauna e flora, na sua maioria, as características europeias.

O clima, temperado marítimo, sem rigores extremos, beneficia bastante da passagem da Corrente do Golfo e o Outono é, normalmente, a estação mais amena; estas características, aliás, são as próprias de todo o Arquipélago, em maior ou menor escala, mas se todas as ilhas são muito parecidas, ao mesmo tempo apresentam aspectos muito próprios de cada uma. De salientar que, devido à orografia da Ilha, principalmente, há diferenças sensíveis entre as zonas Norte e Sul; aquela é muito mais fria e húmida, quer pela exposição quer pela altitude. A existência de microclimas também se faz notar, com frequência especial, para as fajãs.

A Ilha de São Jorge foi **descoberta**, segundo se diz, em 23 de Abril de 1439, por Jácome de Bruges ou por Vasco Annes Corte-Real; apenas se sabe, ao certo, que foi doada ao filho deste último, de nome João Vaz Corte Real, por carta de 4 de Maio de 1483, sendo seu primeiro Capitão Donatário.

São Jorge encontra-se nas coordenadas de 38° 40' de latitude norte e 28° de longitude oeste.

Com um comprimento de 55 km, a largura máxima não atinge os 7 e a média é bastante inferior; a extensão da costa é de mais de 160 km do que resulta ser bastante recortada e, daí,

a existência de muitos pequenos portos pela riqueza piscícola que há nas águas litorais, em quantidade e qualidade, pelo que ainda é um pequeno paraíso para a pesca submarina.

A superfície, da ordem dos 246 km², dá-lhe a 4ª posição, em área, depois de São Miguel, Pico e Terceira, e a sua aplicação e distribuição, actuais, não andarão muito longe do indicado no quadro seguinte:

Pomares e vinhas	200	hectares
Baldios	640	hectares
Habitacões sociais	1 000	hectares
Culturas anuais	2 000	hectares
Matas e matos	3 500	hectares
Pastagens	17 260	hectares

Os baldios têm hoje o seguinte aproveitamento:

Área arboriza	86	hectares
Área de pastagem	266	hectares
Área em recuperaçã	116	hectares

38

Reservas florestais (vegetaçã) 190 hectares: Pico do Carvão – 25 hectares
Pico Pelado/Esperança – 138 hectares
Pico Areeiro – 27 hectares

O povoamento de São Jorge começou por Velas, cuja criaçã de Vila é anterior a 1500, tendo-se mantido ao longo dos anos o centro populacional mais importante; é também sede da Comarca desde 1841 e é a sede da Delegaçã Marítima.

A Vila da Calheta foi criada em 1534, estando a comemorar os seus 450 anos de existêcia, e a Vila do Topo foi criada em 1512 e extinta em 1870.

A Divisã Administrativa actual comporta os concelhos de Velas e Calheta que sã formados pelas freguesias que a seguir se indicam, com anotaçã dos Patronos, povoações e lugares mais importantes:

CONCELHO DAS VELAS

Manadas

Santa Bárbara

Norte Grande

Nossa Senhora das Neves

Rosais

Nossa Senhora do Rosário

Santo Amaro

Santo Amaro

Uzelina

São Mateus

Velas

São Jorge

Alto das Manadas

Terreiros – Fajã das Almas

Norte Grande – Fajã do Ouidor

Santo António – Ribeira da Areia

Ponta – Figueiras

Caminho de Baixo – Serroa

Fajã de Santo Amaro – Queimada – Boa Nova

Alto de Santo Amaro – Toledo

Fundo da Uzelina – Ribeira do Nabo

Bacelada – Casteletes

Vila das Velas – Piedade – Degraus

Beira – São Pedro

CONCELHO DA CALHETA

Calheta

Santo Catarina

Norte Pequeno

São Lázaro

Ribeira Seca

São Tiago

Santo Antão

Santo Antão

Topo

Nossa Senhora do Rosário

Vila da Calheta – Biscoitos

Relvinha – Fajã Grande

Largo da Igreja

Fajã das Pontas

Ribeira Seca – Silveira

Caldeira de Santo Cristo – Fajã dos Vimes

Santo Antão – São Tomé

Fajã de São João

Vila – Canto do Norte

São Pedro

Segundo o censo de 1981 a população da Ilha, que foi povoada, principalmente, por gente do Douro Litoral e Minho, era de 10 643 habitantes (5 982 no Concelho de Velas e 4 661 no Concelho da Calheta). A freguesia menos populosa era a do Norte Pequeno com 303 pessoas e a de mais população, a de Velas com 1 885.

Relativamente ao censo de 1970, a diminuição populacional cifrou-se em 17,24%. A densidade populacional é de 43/km².

Por fins do século XVIII a população abrangia 14 407 almas e, passado um século, alcançava o seu máximo: mais de 18 000.



A actual população representa, apenas, 62,5% da época de maior número de habitantes.

Esta queda demográfica deve-se à emigração, cujas causas são os mesmas das outras ilhas e de sempre; o fenómeno emigratório, nos Açores, nasceu como resultado do povoamento e, se tem aspectos negativos por um lado, também os tem positivos por outro.

A nossa emigração destinou-se, essencialmente, para o Brasil na 1ª metade do século XVIII; em meados do século XIX derivou para os Estados Unidos (era o ouro da Califórnia) com um grande surto de emigração clandestina que se fazia através dos navios boleiros que aqui aportavam. Por isso a palavra **baleiro** foi durante muito tempo, sinónimo de **americano**. Presentemente, além dos Estados Unidos, o Canadá é também destino dos emigrantes.

O Jorgense Professor Doutor ARMANDO NARCISO que foi Director do Instituto de Hidrologia de Lisboa, e ilustre escritor, escreveu: **os Açores têm sido sempre viveiro de homens a espalhar pelo Mundo e não é possível modificar-lhes esse destino**. São Jorge, portanto não foge à regra também.

A cordilheira Jorgense desenvolve-se no sentido do comprimento da Ilha e esta lembrando um lagarto, apresenta-se com o espinha dorsal elevada e irregular. É, mais ou menos, ao longo desta crista que se encontram as maiores altitudes, sendo, apenas duas, as elevações que ultrapassam os 1 000 metros (Pico da Esperança – 1 053 metros e Morro Pelado – 1 019 metros), mas muitos picos e montes estão distribuídos entre as cotas de 500 e 1 000 metros.

Como a ilha é bastante estreita, resulta da sua configuração que, ao sair-se do litoral para o interior, há sempre que subir e, por vezes, bastante mesmo.

A Transversal, que liga o Norte ao Sul, mais precisamente, Santo António/Urzelina, desenvolve-se num percurso de perto de 15 km, quando a distância, em planta, é pouco mais de 4 km; o acidentado do terreno e acentuado declive exigiram numeroso serpenteado.

Por muito resumida que seja esta descrição orográfica não se pode, no entanto, deixar de nomear as **Fajãs**, que aqui atingem número que ronda **meia centena**.

Sobre a hidrologia pouco há a mencionar; duas ribeiras permanentes serão dignas de menção: a Ribeira da Caldeira de Santo Cristo e a Ribeira dos Vimes. Esta, ao passar na Fajã dos Vimes é conduzida por um canal que designam com o nome **Rio** e cujo caudal é aproveitado na cultura do inhame.

Embora haja alguns topónimos em que entra a palavra **Lagoa**, em São Jorge é acidente, sem qualquer significado, com excepção, porém, para a Lagoa da Caldeira de Santo Cristo, do tipo de albufeira e onde existem as célebres amêijoas com exclusivo na Região. Esta Lagoa, que é separada do mar por calhau roliço, tem tendência a desaparecer, mas não será, certamente, para as nossas vidas.

Em legislação recente foi proibida a apanha de amêijoas durante dois anos, com o fim de proteger o povoamento da Lagoa que estava sofrendo uma grande e desordenada devastação.

A zona da Caldeira de Santo Cristo bem como o Ilhéu do Topo constituem, também hoje reservas naturais estabelecidas oficialmente.

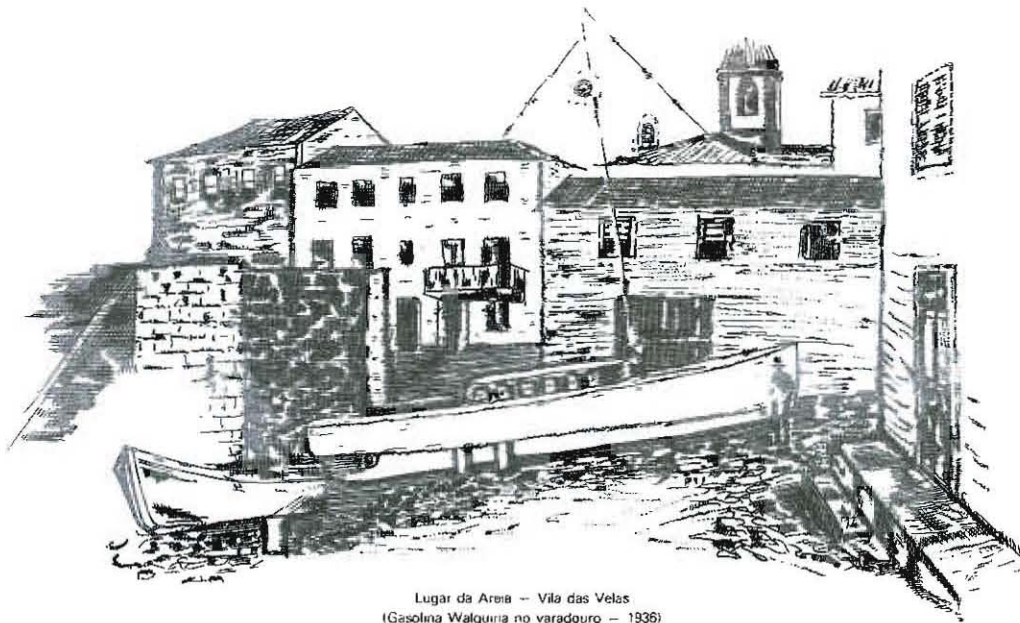


VIGIAS - O BUFO – O VIRAR DO RABO

É nas *vigias* que se dá início à caça à Baleia; daí as *vigias* serem pedras fundamentais na estrutura inerente a uma actividade deste género.

As *vigias* eram feitas em sítios altos e no geral nas pontas das ilhas, com o fim de dali se abranger um mais vasto horizonte. Tinham de ser em cadeia, isto é, de ser vistas umas das outras, e uma delas, a *vigia mãe*, tinha de ser vista do porto onde estava a armação, para poder ser dada o sinal de arriar.

O *vigio* tinha então, não só de vigiar o mar, mas também os seus companheiros, para, no caso de um deles ver a Baleia e pôr o sinal (estender o lençol em lugar bem visível, previamente combinado) para arriar, o outro dor logo o sinal de entendido, comunicando pelo mesmo meio ao companheiro. O da *vigia mãe* otirova então o foguete ou fozia tocar a buzina.



Lugar da Areia – Vila das Velas
(Gasolina Walquiria no varadouro – 1936)

Vigio que não visse o sinal do companheiro ou por não estar na *vigia* ou por ter pegado no sono ou, menos raro, por distrocção, estava a por o seu emprego em perigo. Os companheiros não perdoavam e os baleeiros muito menos. Se havia uma falta, tinha de ser muito bem camuflada. Aliás, nisso eram exímios!... Daí considerados como "grandes mentirosos"...

Nestes pontos estratégicos, previamente escolhidos, os próprios *vigias* construíam uma pequena casinhota, armada em estacas apanhadas no próprio local, revestidas e cobertas com ramadas de feto ou palha. Por vezes transportavam algumas tábuas com o que faziam uma porta, prateleiros, um banco, etc.

As dimensões destas cabanas eram mínimas. A sua finalidade era abrigar o *vigia*, por algum tempo, do calor intenso ou da chuva. Mas o seu fim principal era para arrumar os apetrechos de *vigia*, um deles uma cadeira tripé, onde era colocado o binóculo, para, sentado, poder

vigiar. Esta cadeira era engendrada e feita, no geral, pelo próprio vigia. Daí uma serem muito melhor concebidas que outras.

O lençol para fazer os sinais era também um dos apetrechos indispensáveis ao vigia. Aquele, como o nome indica, era feito de pano de lençol, branco, com umas dimensões que chegavam a atingir oito metros de largura e por vezes os doze de comprimento.

Um pote de barro, ou uma ou duas bilhas de barro regional, para água, alguma loiça, uma panela para aquecer a comida levada de casa, eram os utensílios daquela pequena habitação diurna.



42

Havia, no entanto, locais, como o morro das Velas, em que a casa do vigia era muito sofisticada (1). Aí tinha de ser guardado e resguardado um óculo de longo alcance, adquirido em Liverpool antes da década de vinte. Hoje, devia ser considerado uma peça de museu, não só pela qualidade de materiais e perfeição no acabamento, mas, principalmente, pela sua imponência. Este óculo, colocado no seu magnífico tripé, e depois de todo aberto, media cerca de três metros de comprimento.

O binóculo, pelo contrário, nunca ficava na vigia, sendo sempre levado na sua caixa, a tiracolo, pelo vigia. E isso tinha a sua razão de ser: não se tratava de um caso de segurança, mas talvez dum vício profissional em que se pode considerar que o binóculo, para o vigia, era como o cachimbo para o fumador. Quantas vezes, durante a viagem de regresso a casa, ela saía da sua caixa-estojo e era levado aos olhos para mais uma espreitadela ao mar...

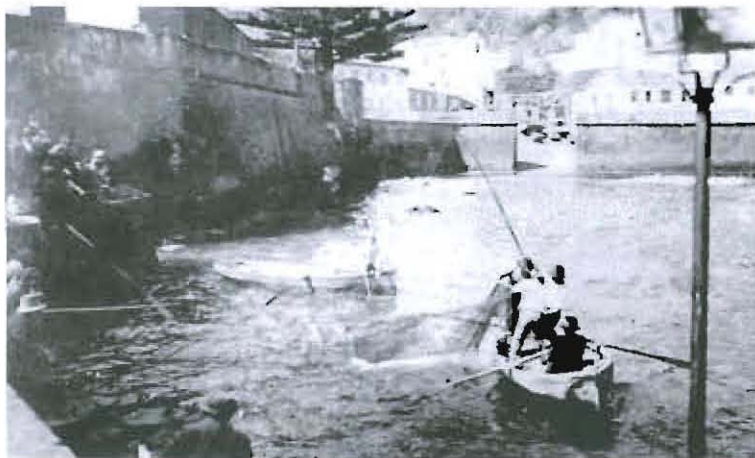
Na ida para a vigia, o binóculo não era usado, pois o trajecto era feito antes do amanhecer. Tinha-se de estar na vigia antes da alvorada para dar tempo de normalizar o organismo e a vista descansar, caso contrário, as lentes do binóculo, com a proximidade das vistas, embaciavam. E era ao amanhecer a melhor hora de se vigiar, principalmente para o lado do poente. Para o nascente, só depois de o Sol estar um bom bocado acima da linha do horizonte se podia vigiar em condições satisfatórias.

Era também sabido que o vigia não vigiava só Baleia: "vigiava" também as pessoas... Talvez por isso conhecia a vida de toda a gente. Quem tivesse porta ou janela virado para uma vigia, tinha se acautelar... É que o vigia não teria escrúpulos em entrar-lhe dentro de casa pelos olhos do binóculo. Assim será fácil concluir que o vigia era uma figura típica: falazão, amigo de

contar histórias e anedotas, inventiva e... mentiroso. Decerto a mentira era a sua melhor arma para defesa dos companheiros, baleeiros e adeptos, e para ataque dos opositores.

O vigia precisava, ainda, além de ver muito bem, saber manusear com a maior perícia os aprelhos de vigiar. Tinha que os saber utilizar para distinguir a "nossa" Baleia de todas as outras espécies que aparecem (ou apareciam!) nos mares dos Açores, conhecidas entre nós por Grampas, que se viam em grande quantidade, baleias de barba, baleia branca, etc., estas muito mais raras. A importância desta distinção é que a "nossa", o cachalote, a que nos Açores foi dado o nome genérico de Baleia, vem morrer à superfície, e, depois de morta, flutua. É fácil compreender que, com as nossas frágeis embarcações, se tornaria impossível arrastar para a superfície, à força de braços, aqueles monstros marinhos... E não são poucos os factos vividos nestas paragens por antepassados nossos, transmitidos oralmente, de geração em geração, sob a forma de histórias fantásticas, mitificadas pelo tempo, preenchendo as longas noites de Inverno... Histórias em que monstros imensos, uma vez trancados, eram como que engolidos pelo mar, arrastando para sempre toda a linha, obrigando, por fim, a cortá-la, para evitar o pior...

Todas as espécies têm comportamentos diferentes que permitem ao vigia distingui-las: maneira



de *bufar*, número de *bufos*, modo de estar por cima da água, etc. De salientar em particular o *bufo*, sopro forte e rápido que não passa de um certa porção de água expelido dos pulmões, juntamente com o ar que ela vai renovar. Assim, o *bufo* faz parte da respiração. Este jocto de água, chamado entre nós *bufo*, tem um aspecto de funil numas espécies, de um guarda-chuva noutras, podendo ainda ser inclinado para a frente ou para trás. O do cachalote é ainda diferente: espalhado e

direito para o ar quando visto de lado, é, no entanto, inclinado para a esquerda quando visto de frente, o que se torna bem visível quando estamos a pouca distância. Esta inclinação deve ser devida à sua única venta, por onde é feita a respiração, estar colocada sobre este lado da cabeça.

A razão de o *bufo* do cachalote ser espalhado deve-se, julgo, à pressão de expulsão e à quantidade de água expelida variarem durante aquele. Assim, a primeira água que sai, cai de imediato, indo a outra sempre subindo à maneira que o pressão é aumentada, dando a impressão, na sua queda, de estarmos perante um intenso chuveiro e não de um repuxo, com o que é vulgarmente comparado.

Tive ocasiã de presenciar, a pouca distância, a venta da Baleia viva, e ainda quando estava perto da morte. Foi ao presenciar a venta da Baleia que verifiquei estar a ter um movimento de vibração longitudinal que, no início do *bufo*, é perfeitamente visível, indo aumentando até quase não se notar, devido à grande frequência de vibroções.

É esta vibração, aliada à água e ao ar sob grande pressão, que produz aquele ruído que muito gostaria de poder descrever. Não se trata de um ruído qualquer. É imponente, aterrador! Bem digno de um monstro que pesa dezenas de toneladas!... Mas, perante a morte, ele torna-se

modesto como modesto se torna o *bufo*: apagam-se lentamente afogados no sangue que brota e escorre venta abaixo...

O ruído final, conhecido por "uivo", não é mais que um triste lamento ao expirar. Uivo que é a concretização do nosso objectivo: matar. Lamento esperado com tanta ansiedade – lamento recebido com tanta alegria!

Hoje, ao recordar aquele angustioso despedir da vida, ao depararem-se-me diante dos olhos cenas como o lancetar impiedoso e as golfadas de sangue a tingirem de vermelho o azul do mar, sinto-me tomado de nostálgico remorso. – Porquê, meu Deus, o prazer de matar?!

O vigia ainda pode distinguir a "nossa" Baleia pelo número de *bufos* dados enquanto se mantém à superfície a fazer uma respiração normal. São no geral de 28 a 32, número que não é alcançado por qualquer outra espécie que demanda os nossos mares.

A "nossa" Baleia pode ainda ser diferenciada pelo modo de "virar o rabo": quando mergulha procurando comida ou fugindo a ameaças na superfície, fá-lo imergindo a cabeça enquanto a cauda ainda se encontra submersa, fazendo um arco perfeito; no momento imediatamente a seguir, levanta o rabo a uma altura maior ou menor, desfazendo por completo a curvatura que havia dado ao seu corpo, desaparecendo na profundidade do oceano.



Este "virar de rabo", para além de nos permitir distinguir as espécies, permite-nos ainda avaliar a direcção que o animal toma, supor a profundidade que ele vai atingir e, com este parâmetro, fazer uma ideia do tempo que permanecerá submersa.

Naquela época existiam cerca de uma dezena de armações baleeiras, e isto só no Grupa Central do Arquipélago. Dado este número de armações, e cada uma querer ser a que apanhava mais, e tendo o vigia disso consciência, considerava-se ele pedra fundamental, procurando, a todo o custo, defender sua posição, ao ponto de, sem escrúpulos, e se necessário fosse, prejudicar o seu colega.

Tudo isto justifica a competência que era necessária para ocupar este cargo.

Para uma melhor ideia, vou descrever duas passagens das muitas que relembro dessas criaturas que, apesar de rudes, eram tão apaixonantes

Certo dia, logo ao amanhecer, a buzina tocou para a Baleia. Arriou-se, amarraram-se os botes às *gasolinas* (duas e quatro botes), tomou-se o sinal, que era para a ponta do Pico (ponta leste da ilha do mesmo nome), e lá fomos...

Quando chegamos por fora da Calheta de São Jorge, novamente lençol no Morro. Guinámos 45 graus lentamente para estibordo; rápido viemos ao rumo. Depois, 45 graus a bombordo, e o lençol continuava lá estendido na cabeça do Morro... De duas, uma: ou era para certificar que o rumo estava certo, ou então para voltar para trás. Mas, como o regresso a terra era um sinal de com fumo feito junto ao moinho, naturalmente seria confirmação, pelo que o mestre da gasolina imediatamente levou ao rumo em que vinha, e o lençol foi retirado. Não havia dúvidas que íamos com a proa na Baleia ou Baleias.

Andámos mais umas sete horas, e nada de se ver baleias ou sinal delas... Mal se via a terra. O nosso Morro quase desaparecia debaixo da linha do horizonte, não se diferenciando do resto da ilha, e não sendo possível, portanto, distinguir qualquer sinal.



Era opinião geral que o vigia não podia ver baleias àquela distância. Dentro disto, foi resolvido, entre oficiais, voltar para trás, o que foi feito quase de imediato.

Desde que saíramos até àquela hora, o mar tinha-se mantido completamente estanhado (2). Com dois botes de reboque, o andamento de uma gasolina era, em média, de seis a sete nós, em mar manso como aquele.

Assim, chegámos à entrada do porto das Velas ao anoitecer. Mesmo na ponta do cais estava descaradamente o vigia, na frente de todos os que, como era hábito, vinham assistir à chegada dos baleeiros.

Durante o regresso, muito se falara do vigia. Isto para não dizer "maltratar". Toda a sua vida, bem como a da família, tinha sido recapitulada, ora com verdade ora com mentira; enfim, o habitual ainda hoje, quando as coisas não correm bem... Não foi, portanto, sem fundamento que, mal o viram, começaram a descompô-lo, tudo ele ouvindo sem responder. Mas quando já atracados (a gasolina com os dois botes por fora, como era habitual), ele desceu alguns degraus da escadaria (3) e, dirigindo-se aos oficiais que se encontravam no seu posto, na popa dos botes, bem como ao mestre da gasolina, disse:



- Quando vocês voltaram para trás, a Baleia estava a bufar sete milhas por fora, mesmo na proa.
- Mentiroso, aldrabão, ladrão que nos fizeste gastar gasolina durante todo o dia.

Todos lhe dirigiram insultos ininterruptamente até que o mestre da gasolina, levantando a voz, embora calmamente, lhe retorquiu:

- Sabes que estás a mentir. À distância a que nos encontrávamos, nem tu nem ninguém nos podia ver, quanto mais veres baleias!...

A resposta não se fez esperar:

- Diz-me lá, ó merda: antes de voltares para trás, não passaste por um bando de cagarros que devia ter uns vinte a vinte e cinco, e se levantaram à tua passagem?

- Passei sim, e depois?!

- Depois?... Antes de voltares, a uma meia milha por fora de vocês, estava ou não outro bando muito maior, pousado?

- É verdade – respondi de imediato. – Eu ia de pé em cima da casa e tinha sido o primeiro a ver e a chamar a atenção dos outros companheiros.

46

Vocês passaram por cima do primeiro bando e o outro estava em cheio na proa, e a Baleia estava sete milhas por fora a bufar. Vocês é que são uns ignorantes.

E com isto, voltou costas e desapareceu.

Ainda hoje não sei como lhe foi possível fazer tais afirmações. Terá, de facto, visto cagarros e baleias?!... Julgava-o impossível! Mas tive de admitir, como os outros, a sua versão: a Baleia estava lá e nós é que não a vimos. Se até ali era considerado bom vigia, dali por diante muito mais o foi!...

De uma outra vez, estava eu sentado à secretária, no meu quarto, que dava para as traseiras da casa, sobre um pátio e um jardim. Da secretária via, através da janela, a vigia da cabeceira do Morro. Por vezes, namorava as manobras do vigia horas a fio...

Devia ser cerca de uma hora da tarde quando ouvi chamar, em voz aflita, pelo meu nome. Dirigi-me de imediato para a janela, sabendo, por haver reconhecido a voz, que se tratava do vigia do Morro.

- Que se passa?

- O senhor mande aniar. Está um cardume de baleias na baía Grande (4). Estão muito de longo (5).

- Mas ele não sabe? – ainda perguntei.

- Não. Ele ficou a vigiar os coelhos...

Com esta resposta, virou costas e desatou a correr para a vigia, que ainda ficava a uma boa meia hora de andar, e sempre a subir. Arriámos, e as baleias, de facto, lá estavam no local indicado. Naquela altura, havia duas armações rivois e, por conseguinte, cada uma tinha o seu vigia. E, ali, no Morro, a pouca distância um do outro, lá estavam os dois...

A primeira pergunta que se punha era como um cardume de baleias tinha permanecido durante toda a manhã ali, a seis milhas da vigia, sem ser visto?! O que tinham feito aqueles dois homens até àquela hora?!

Uma coisa era certo: o nosso tinha conseguido enganar o rival, mas este não ia desarmar...



Desmanchando uma baleia Vêlas, San Jorge Açores.

Nesse dia, à noite, nos cafés, nas tascas, por todo o lado, era este o assunto do dia.

O nosso dizia que não tinha visto as baleias mais cedo porque estavam encobertos com o cabeço do morro de Lemos (6). Isto, de facto, podia acontecer, mas com Baleios que dão ao rabo, não era natural manterem-se ali escondidas durante uma manhã. Estava, portonto, a mentir. Até que ponto, não se sabia!

O outro contava que ele tinha dormido a manhã toda e até lhe havia pedido para o acordar se sentisse gente, ou o vigia da ponta de Rosais mandasse arriar. Ainda acrescentava que, se ele tinha dado com as baleias, era porque "estava a vigiar os coelhos para ir à caça, e as baleias tinham aparecido dentro da área do binóculo..."

Ao certo, nunca se soube o que se passara. A verdade devia estar muito perto da visão do rival, mas ele, no entanto, jamais tiraria da sua carreira aquela mancha negra...

(1) Ainda podemos ver algumas na ilha-ponta do Topo.

(2) Termo usado quando mar, com cor de estanho, tem a superfície direita, não havendo qualquer aragem.

(3) Escadas existentes no cais e que, com a maré vazia, descem até ao nível da mar. São assim conhecidas por serem aproveitadas pelos pescadores para escalarem a seu pescado.

(4) Baía que se encontra entre a ponta de Rosais e ponta Gorda.

(5) Termo usado para exprimir a proximidade de terra.

(6) Morra que fica o noroeste da vigia, fazendo também uma península.



DO DESCOBRIMENTO DA ILHA DE SAM JORGE, E DE TODAS AS MAIS COUZAS QUE DELLA PUDI ALCANSAR DIGNAS DE MEMÓRIA

Não falta quem diga, que o primeiro Capitão, e descobridor da Ilha de Sam Jorge foi Jacome de Bruges, no que se enganarão tanto, como ao Bem aventurado Doutor Gaspar Fructuoso enganarão, os que lhe dicerão que seu primeiro descobridor, nem pouoador fora Guilherme de Brandath, porque nenhum delles foi descobridor, nem pouoador, e muito menos Capitão, porque no tempo de Jacome de Bruges, não estava ainda a Ilha de Sam Jorge tractavel, nem pouada, e quando Guilherme da Silueira Brandath ueio a ella ja tinha pouação, porque pollos andares que fez pellas Flores, e Coatro Ribeiras da Ilha Terceira, gastou tempo, e assim não foi primeiro pouoador, mais do que da parte do Topo aonde assentou caza, e a teue tam boa, que he certo, que do trigo que colhia todos os annos pagava 50 mois e 60 de dizimo, couza mui grandiosa, e que parece fabulosa mas eu tenho averiguada por uerdadeira, e assim que se a parte se toma por todo, não uão muito fora do Caminho em dizer, que elle foi o primeiro pouoador da Ilha, sendo só daquela parte.

O que eu tenho averiguado por certo [he], que o seu primeiro descobridor (neste modo de fallar, que he quando se começarão a pouoar, e de hūas Ilhas se uião as outras) e seu primeiro Capitão foi João Vas Corte Real, depois de estár por Copitão na parte de Angra, porque El Rey Dom Manoel sendo ainda Duque lhe fez merce da Capitanhia della em 19 de Mayo de 1493, e assim que por este tempo, tenho lhe appareço, e descobrio esta Ilha, que com gente da Ilha Terceira se começou a pouoar, e assim que os nobres appellidos, de que se pouuou são os mesmos que da Terceira.

Corre esta Ilha ao comprido Noroeste, e Sul[d]oeste; tem 10 leguas de comprido e hūa ao mais de largo, e a partes menos, he toda hūa alta Serra, e lombo agudo, que pera o mar do Norte, e Sul sempre uai descendo, e abreuiar se na ponta da Rosales, que fica ao Noroeste em hūa ponta tam aguda que descendo pera o mar em roche de quebrados lansantes, no alto a partes tem pouco mais de hūa braça de largo, e no mar entre outros baxios, e Ilheosinhos de pedra, que faz de hūa parte a outra direito a mesma Esquina bota hum penedo mui alto, e delgado, e que se remata em cima ao modo de zimborrio de torre, ao que certo Corregedor passando por elle, lhe pós por nome, o penedo de bom nome, por lhe tirar o roim por os Mareantes lhe nomeauão, o que lhe não pegou, porque passondo eu por aly em muitas ocasiõis lhe ouui chamar o mesmo nome, que não era muito honesto; e dizendo aos barqueiros porque nãa lhe chamauão o penedo de bom nome como certo Corregedor lhe chamara conforme andaua em tradição, elles responderão, que sempre se criarão com lhe chamarem aquelle: eu lhe pedi, que o lhe fizessem apagar este, ou o de galho, que realmente o parecia, e que a Ilha botaua ahi aquella pedra como se fosse de Aruore; elles se satisfizerão deste name, e me disserão, que o auião fazer pegar, e as vezes que por aly passamos, que forão 4 annos arreyo hūa uez cada anno correndo a provincia assim lho chamamos, não sei se lhe pagara.

FREI DIOGO DAS CHAGAS
In: Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores.
Direcção e Prefácio de Artur Teodoro de Matos, 729pp. 1989.

NOTA GEOGRÁFICA DA ILHA DE SÃO JORGE

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O Arquipélago dos Açores localiza-se no Oceano Atlântico Norte (Figura 1), ocupando uma faixa de transição, com características climáticas subtropicais, definida pelas seguintes coordenadas geográficas (pontos extremos): entre 39° 43' 23'' (Ponta Norte – Ilha do Corvo) e 36° 55' 43'' (Ponta do Castelo – Ilha de Santa Maria) de Latitude Norte; entre 24 46' 15'' (Ilhéus das Formigas – Ilha de Santa Maria) e 31° 16' 24'' (Ilhéu de Monchique – Ilha das Flores) de Longitude Oeste (SREA, 2008).

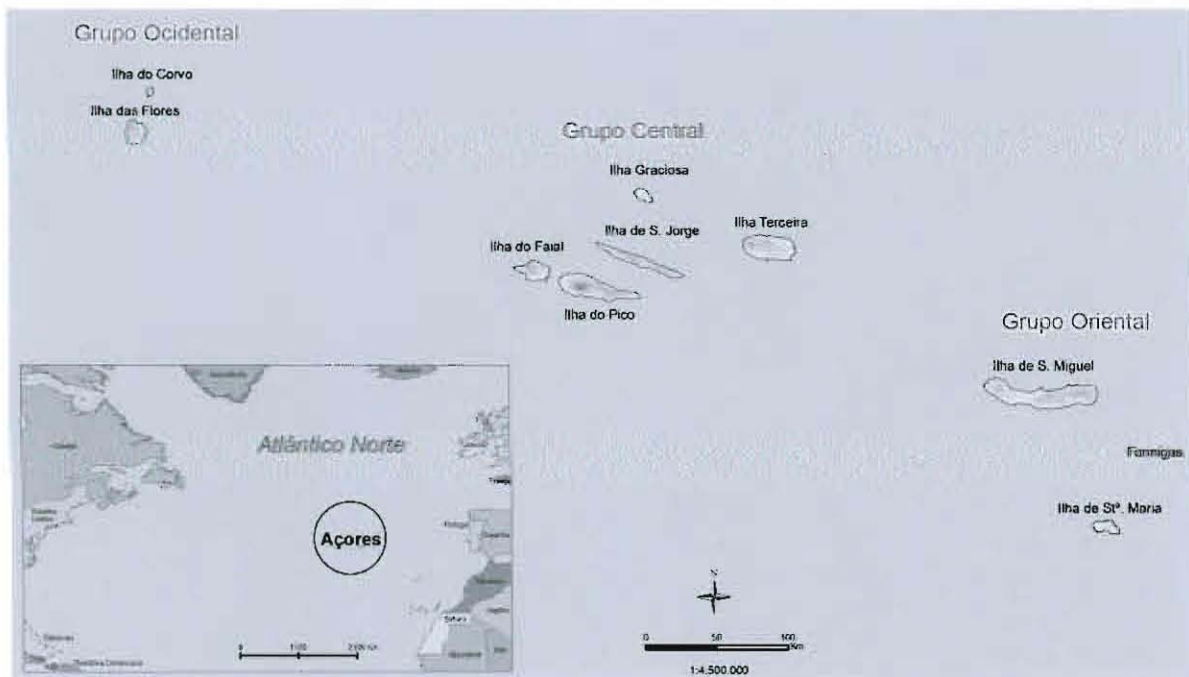
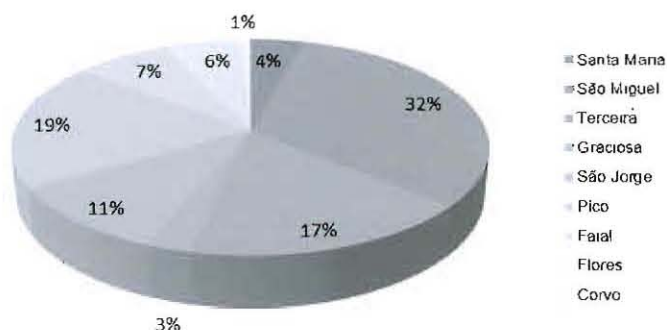


Figura 1 - Enquadramento geográfico do Arquipélago dos Açores.

As nove ilhas dos Açores encontram-se alinhadas segundo um eixo com a orientação geral WNW-ESE, facto concordante com a disposição das principais fracturas que marcam a geodinâmica desta zona. A insularidade e o isolamento do Arquipélago, considerados factores determinantes da biogeografia regional, são confirmados pelas distâncias às costas continentais mais próximas: cerca de 1400 km de Portugal Continental e 3900 km da América do Norte. A separação máxima entre as ilhas atinge os 600 km, aproximadamente, distância que vai do Corvo a Santa Maria. A disposição longitudinal das ilhas determina que a Subzona Económica Exclusiva (ZEE) dos Açores ocupe 953.633 km², correspondendo a 55 % e a 16 % da ZEE de Portugal e da União Europeia, respectivamente.

Apesar do afastamento entre os Açores e a Madeira (900 km), Canárias (1150 km) e Cabo Verde (2200 km) e da aparente falta de relação entre o vulcanismo destas ilhas, estes arquipélagos constituem a região da Macaronésia. Por condicionalismos biogeográficos, possui um valioso património natural, correspondente a 19 % dos tipos de habitats listados no Anexo I e a 28 % das plantas do Anexo II da Directiva Habitats.

A superfície do Arquipélago dos Açores é de 2322 km², representando 2,6 % do território nacional (88 967 km²). Contudo, as ilhas exibem uma acentuada desigualdade territorial, variando entre 744,6 km² (São Miguel) e 17,1 km² (Corvo), a maior e a mais pequena parcela, respectivamente. Cinco delas apresentam dimensões intermédias: Pico (444,8 km²), Terceira (400,3 km²), São Jorge (243,7 km²), Faial (173,1 km²) e Flores (141,0 km²). As ilhas de Santa Maria (96,9 km²) e da Graciosa (60,7 km²) possuem menor representatividade territorial. As três maiores, São Miguel, Terceira e Pico, correspondem a quase 70 % da superfície regional (Figura 2).



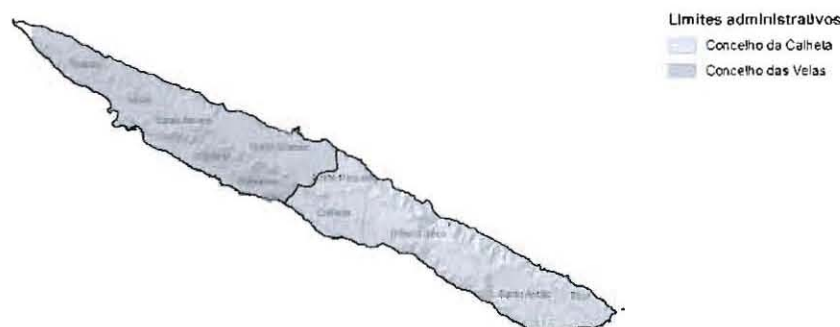
Fonte: SREA, Anuário Estatístico da Região Autónoma dos Açores (2008)

Figura 2 - Distribuição da superfície do Arquipélago dos Açores por ilha (%).

As ilhas encontram-se agrupadas atendendo à proximidade geográfica: Grupo Ocidental (Corvo e Flores); Grupo Central (Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial); Grupo Oriental (São Miguel e Santa Maria). O Grupo Central distancia-se cerca de 150 km e de 240 km dos Grupos Oriental e Ocidental, respectivamente.

São Jorge é a mais central das cinco ilhas do Grupo Central do Arquipélago dos Açores, estando posicionada a cerca de 11 milhas do Pico (NNW), a 20 milhas da Graciosa (S) e a 21 milhas da Terceira (SW). Localiza-se entre 38° 45' 24'' (Ponta da Terra) e 38° 32' 0'' (Ponta dos Mosteiros) de Latitude Norte e entre 27° 45' 09'' (Ponta da Topo) e 28° 19' 04'' (Ponta da Terra) de Longitude Oeste (IGP, 2008). Com uma superfície de 234,7 km², São Jorge ocupa a quarta posição em termos de dimensão, representando 10,5 % do território regional.

Relativamente à organização administrativa de âmbito local (Figura 3), a ilha de São Jorge tem dois concelhos, os municípios da Calheta (126,3 km²) e das Velas (117,4 km²), subdivididos em 5 e 6 freguesias, respectivamente: Calheta, Norte Pequeno, Ribeira Seca, Santo Antão e Topo; Manadas, Norte Grande, Rasais, Santo Amaro, Urzelina e Velas. Com excepção das sedes de concelho, que concentram as actividades económicas, serviços, equipamentos e principais infra-estruturas da ilha, todos os restantes aglomerados revelam um padrão disperso e marcado pela grande ruralidade, considerando que economia da ilha está profundamente ligada à actividade agro-pecuária.



Fonte: IGP, Carta Administrativa Oficial de Portugal (2008)

Figura 3 - Divisão administrativo da Ilha de São Jorge



Em 2001, a população residente era de 9674 habitantes, estando repartida desigualmente pelos concelhos da Calheta (4069 hab.) e das Velas (5605 hab.), existindo 3237 famílias (SREA, 2003). A densidade populacional situava-se nos 39,7 hab./km², muito abaixo da registada na RAA (102,1 hab./km²). Nas Velas a densidade populacional era superior à da Calheta (47,7 hab./km² e 32,2 hab./km², respectivamente). A evolução demográfica na Ilha de São Jorge revela uma tendência decrescente, passando de 9523 habitantes em 2005 para 9448 habitantes em 2009, segundo estimativas do SREA.

GEOMORFOLOGIA

A paisagem dos Açores é caracterizada, em traços gerais, pela orografia vigorosa, onde a elevada altitude está associada ao acidentado do relevo. As ilhas apresentam, em geral, grande desenvolvimento vertical: o interior montanhoso encontra-se rasgado por vales que entalham as encostas até ao nível do mar. As superfícies planas são pouco desenvolvidas, sem grande representação no território insular, com excepção de Santa Maria (sector Oeste), São Miguel (plataforma de Ponta Delgada e Garben da Ribeira Grande) e da Terceira (Graben das Lajes). As regiões planálticas têm algum desenvolvimento nas Flores (Planalto Central), Pico (Planalto da Achada) e na metade oriental da Ilha de São Miguel (Planalto dos Graminhais e Achada das Furnas).

Na orla costeira das ilhas erguem-se altas e instáveis falésias que alternam, pontualmente, com plataformas litorais, constituídas por escoadas basálticas ou pelos materiais resultantes do desmoronamento das arribas adjacentes (fajãs detríticas). Os substratos rochosos e as praias de calhau são predominantes e só interrompidos por pequenos areais. O traçado da linha de costa apresenta-se rectilíneo nos segmentos modelados pelos sistemas de falhas e bastante recortado ou mesmo irregular nos trechos confinados às formações lávicas, onde se formam baías e enseadas abrigadas.

52

A regularidade dos episódios eruptivos faz com que as ilhas sejam pouco evoluídas em termos geomorfológicos. O crescimento dos corpos insulares resulta da coalescência e sobreposição de numerosos edifícios vulcânicos, com formas e dimensões muito variadas. A implantação de novos aparelhos vulcânicos, ou a reactivação de alguns pré-existentes, leva à recobertura das formações antigas, alterando a configuração da topografia original.

A altitude máxima das ilhas oscila entre 402 m na Graciosa e 2351 m no Pico, onde se encontra o ponto mais alto de Portugal (Montanha do Pico). A distribuição da superfície do arquipélago por classes de altitude mostra que, aproximadamente metade do território regional apresenta cotas inferiores a 300 m e 45 % da superfície encontra-se entre 300 e 800 m de altitude. Santa Maria e Graciosa são as ilhas com cotas mais baixa, enquanto no Pico cerca de 16 % da área ultrapassa 800 m de altitude. As restantes ilhas ostentam maior regularidade quanto à distribuição altimétrica.

Neste enquadramento geomorfológico, importa focalizar a análise nos traços dominantes que caracterizam a fisiografia de São Jorge. A parte emersa da ilha, com um volume estimado de 103 km³, descreve uma configuração claramente alongada, perfilando-se entre as Pontas do Topo e dos Rosais. O coeficiente de circularidade de Gravelius (K_c), definido pela razão entre a superfície da ilha e a área de um círculo de igual perímetro, indica que São Jorge tem uma forma perfeitamente extensiva ($K_c = 2,5$). Com uma orientação predominante de NO-SE, a ilha apresenta um comprimento e uma largura máximas de 55 km e de 7 km, respectivamente. A orla costeira, com cerca de 139 km, é alta e muito alcantilada em todos os sectores da ilha, existindo numerosas fajãs detríticas e algumas plataformas lávicas que se formam na base das ambas.



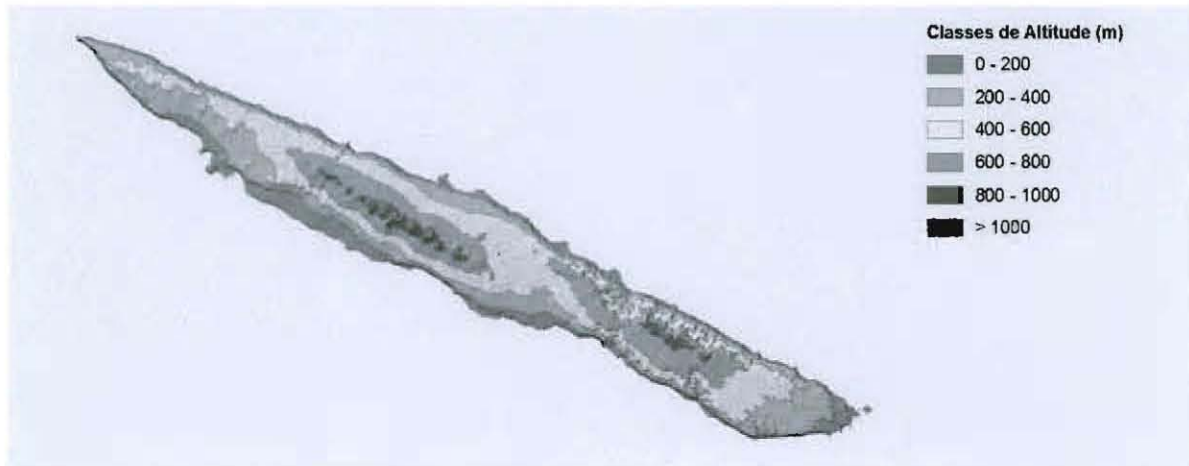


Figura 4 - Carta hipsométrica da Ilha de São Jorge.

A altitude máxima da Ilha de São Jorge (1053 m) é atingida no Pico da Esperança (Planalto Central). Atendendo à distribuição altimétrica (Figuras 4), verifica-se que 45 % da superfície insular apresenta cotas inferiores a 400 m e 51 % situa-se entre 400 m e 800 m de altitude, estando os restantes 4 % acima deste valor. Os pequenos núcleos habitacionais ocupam as fajãs e, em alguns casos, o topo das arribas, com altitudes superiores a 400 m, como acontece nas freguesias do Norte Pequeno e do Norte Grande.

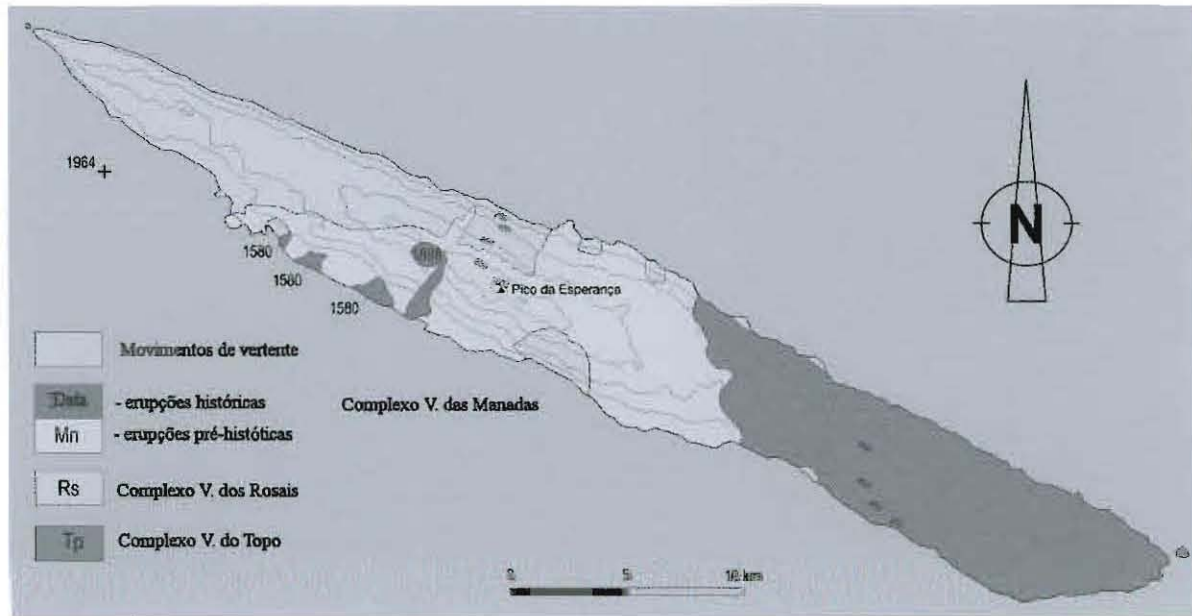
GEOLOGIA

A ilha de São Jorge integra três unidades geológicas principais, da mais antiga para a mais recente (Figura 5): (1) o Complexo Vulcânico do Topo, (2) o Complexo Vulcânico dos Rosais e (3) o Complexo Vulcânico das Manadas.

O Complexo Vulcânico do Topo ocupa a parte oriental da ilha e é constituído por lavas basálticas, havaíticas e mugearíticas, do tipo aa, sendo que os piroclastos estão circunscritos aos cones estrombolianos. É de salientar, ainda, a presença de vários filões de orientação NW-SE e WNW-ESE. Estas estruturas encontram-se associadas a vulcanismo fissural, predominantemente efusivo. Datações por Potássio - Árgon, realizadas por Feraud et al. (1980), estimam que a actividade vulcânica deste complexo ter-se-á iniciado há mais de 600.000 anos (in França et al., 2005).

O Complexo Vulcânico dos Rosais situa-se na região ocidental da ilha e é constituído por lavas basálticas e havaíticas, do tipo aa, sendo que os piroclastos encontram-se, quer acumulados sob a forma de cones estrombolianos, quer dispersos, constituindo depósitos. A idade deste complexo vulcânico é ainda uma incógnita, sabendo-se apenas que é mais antigo do que o Complexo Vulcânico das Manadas.

O Complexo Vulcânico das Manadas ocupa a parte central da ilha e encontra-se suprajacente aos complexos vulcânicos anteriores. Apresenta uma actividade vulcânica fissural com cones de escórias alinhados ao longo de falhas WNW-ESE e NNW-SSE. Para além dos cones estrombolianos, há a salientar a presença de dois cones surtsianos na região, o Morro do Lemos e o Marro Velho, assinalados pela palagonitização, em maior ou menor grau, dos piroclastos submarinos (França et al., 2005) e, ainda, crateras de explosão e cones do tipo tuff rings produtos de actividade freatomagmática (Madeira, 1998).



Fonte: adaptado de Madeira (1998)

Figura 5 - Carta geológica da Ilha de São Jorge.

54

ZONAS DESIGNADAS PARA A PROTECÇÃO DE HABITATS E DA FAUNA E DA FLORA SELVAGENS E A CONSERVAÇÃO DAS AVES SELVAGENS

No que se refere às zonas designadas para a protecção de habitats e de espécies selvagens (flora e Fauna) identificam-se as áreas que integram a Rede Natura 2000. Esta estrutura ecológica de âmbito europeu resulta da implementação das Directivas "Aves" e "Habitats", respectivamente Directiva n.º 79/409/CEE do Conselho, de 2 de Abril (e subsequentes alterações) e Directiva n.º 92/43/CEE do Conselho, de 21 de Maio (e subsequentes alterações).

A Rede Natura 2000 compreende as áreas classificadas como Zonas de Protecção Especial (ZPE) e Sítios de Importância Comunitária (SIC), entretanto classificados na RAA como Zonas Especiais de Conservação (ZEC), através do Decreto Regulamentar Regional n.º 5/2009/A, de 3 de Junho. Em termos globais, a Rede Natura 2000 no arquipélago dos Açores compreende 39 locais (45 464 ha), dos quais 23 são ZEC (33 639 ha) e 15 são ZPE (11 825 ha), abrangendo áreas marinhas e terrestres.

Na ilha de São Jorge encontram-se designadas duas ZEC e uma ZPE, que totalizam 4641,8 ha, dos quais 4122,3 ha corresponde a área terrestre e 519,5 ha a área marinha (Figura 6 e Quadro 1) ZEC (Ponta dos Rosais e Costa NE e Ponta do Topo); ZPE (Ilhéu do Topo e Costa Adjacente).

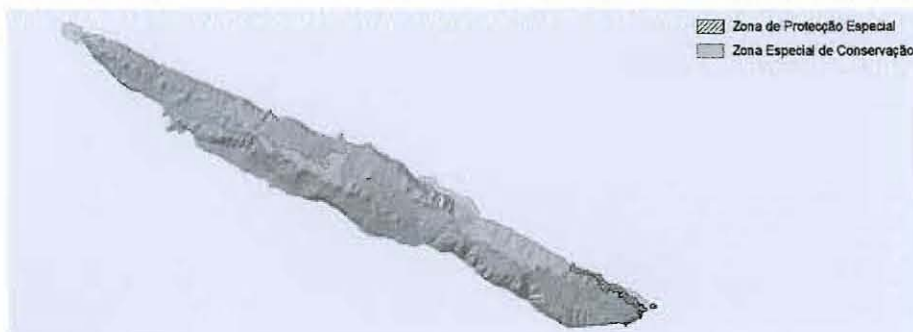


Figura 6 - Rede Natura 2000 da ilha de São Jorge.



Quadro 1 - Áreas que integram a Rede Natura 2000 da ilha de São Jorge

Ilha	ZEC/ZPE	Código	Designação	Área terrestre			Área marinha			Área Total	
				(ha)	Km ²	(%)	(ha)	Km ²	(%)	(ha)	Km ²
São Jorge	ZEC	PTJOR0013	Ponta das Rosais	169,7	1,7	55,3	137,2	1,4	44,7	306,9	3,1
		PTJOR0014	Costa NE e Ponto do Topo	3584,1	35,8	90,4	381,0	3,8	9,6	3965,2	39,7
	ZPE	PTZPE0028	Ilhéu do Topo e Costa Adjacente	368,5	3,7	99,7	1,3	0,0	0,3	369,8	3,7



SELECÇÃO BIBLIOGRÁFICA

- AGOSTINHO, J., 1964. Sismologia. Breves noções para os não iniciados - A crise sísmica na ilha de São Jorge. Fevereiro-Maio, 1964. *Açoreana* 6 (1); 84-102.
- ÁLVARES, NUNO, 1985. Memórias de um baleeiro (caça à baleia nos Açores – anos 1930 a 1945). Edição da Câmara Municipal da Calheta. 162pp.
- AVELLAR, JOSÉ CANDIDO DA SILVEIRA. 1902, Ilha de S. Jorge (Açores). Apontamentos para a Sua História. Horta, Typografia Minerva Insulana.
- BACKELJAU, T., C. BRITO, A. RODRIGUES, B. MORTON, R. VERHAGEN, T. WILLEMS & B. WINNIPENIX, (1994). Population genetics of *Tapes decussatus* in the lagoa de Santo Cristo, São Jorge: Preliminary results. "Relatórios e Comunicações do Departamento de Biologia", 22: 20-22.
- BETTENCOURT, M. L. S., 2005. Depósitos de Escórias ("Bagacinas") da Ilha de São Jorge (Açores) Recurso Geológico, Ambiental e Económica. Tese de Mestrado em Gestão e Conservação da Natureza. Departamento de Ciências Agrárias, Universidade dos Açores. (versão em CD-ROM)
- CALADO, H., PORTEIRO, J., COSTA, L., PARAMIO, L. & J. FERREIRA, 2007. Plano de Gestão do Sítio RAMSAR das Fajãs dos Cubres e da Caldeira de Santo Cristo, São Jorge? Açores. IV Congresso sobre Planeamento e Gestão das Zonas Costeiras dos Países de Expressão Portuguesa. Funchal, Madeira.
- CHAGAS, F. DIOGO das, 1989. *Espelho cristalino em jardim de várias flores*. Direcção Regional dos Assuntos Culturais/S.R.E.C. e Universidade dos Açores/Centro de Estudos Doutor Gaspar Frutuoso (Eds.), Ponta Delgada. 731pp.
- CUNHA, MANUEL DE AZEVEDO DA, 1924. Notas Históricas, Calheta (S. Jorge). 2 vols., Calheta. Typografia de O Dever.
- FORJAZ, V.H. & N. S. M. FERNANDES, 1975. *Carta Geológica de Portugal na escala de 1:50 000*. Notícia explicativa das Folhas «A» e «B» Ilha de S. Jorge (Açores). Ministério da Economia, Secretaria de Estado da Indústria; Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos; Serviços Geológicos, Lisboa. 32 p.
- FORJAZ, V.H., 1980a. Erupções históricas no sistema vulcânico Faial-Pico-S. Jorge. Escala 1:200 000. *Secretaria Regional do Comércio e Indústria-Laboratório de Geociências e Tecnologia. Relatório Interno 01.80*. Ponta Delgada.
- FURTADO-BRUM, Ângela, 1999. *Açores: Lendas e outras histórias*. Ribeiro & Caravana editores. Ponta Delgada.
- LOPES, M. E. S. A. M. (1970) – *A Ilha de S. Jorge do arquipélago dos Açores: contribuição para o estudo da sua morfologia e actividade vulcânica*. Tese de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Universidade de Lourenço Marques, 95 pp.





- MACEDO, A.L.S., 1981a. *História das Quatro Ilhas que Formam o Distrito da Horta*. Direcção Regional dos Assuntos Culturais, S.R.E.C. (Ed.), Angra do Heroísmo, Reimpressão fac-similada da edição de 1871, Gráfica Maiadouro, Vol. I, 571p.
- MACEDO, A.L.S., 1981b. *História das Quatro Ilhas que Formam o Distrito da Horta*. Direcção Regional dos Assuntos Culturais, S.R.E.C. (Ed.), Angra do Heroísmo, Reimpressão fac-similada da edição de 1871, Gráfica Maiadouro, Vol. III, 296p.
- MACHADO, F., 1949. O terramoto de S. Jorge em 1757. *Açoreana* 4 (4); 311-324.
- MACHADO, F., 1962. Erupções históricas do sistema vulcânico Faial-Pico-S. Jorge. *Atlântida* 6; 84-91.
- MACHADO, F.M. & V.H. FORJAZ, 1965. A crise sísmica de S. Jorge, de Fevereiro de 1964. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal* 16; 19-36.
- MADEIRA, J. (1998) - Neotectónica das ilhas do Faial, Pico e S. Jorge: uma contribuição para o conhecimento geodinâmico da junção tripla dos Açores. Tese de doutoramento. FCUL, 450 pp.
- MARTINS, A.M.F., R.T. CUNHA, A. RODRIGUES & C. BRITO, (1993). Moluscos terrestres da ilha de São Jorge. Lista preliminar. "Relatórios e Comunicações do Departamento de Biologia", 21: 55-60.
- OLIVEIRA, J.N.B., G.B. MACIEL, M.J. PEREIRA, M. MOURA, D.S. FURTADO & M.C. MEDEIROS, (1993). Contribuição para o estudo da flora e vegetação da ilha de S. Jorge (Açores). "Relatórios e comunicações do Departamento de Biologia", 21: 49-54.
- PEREIRA, ANTÓNIO DOS SANTOS, 1987. A Ilha de S. Jorge (Séculos XVXVII). Contributo para o seu Estudo. Universidade dos Açores, Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais. Ponta Delgada.
- PORTEIRO, A. (1998) - Sistema de Informação Geográfica aplicado à ilha de São Jorge - Açores. Dissertação apresentada à Universidade de Lisboa para obtenção do Grau de Mestrado em Geologia Dinâmica, na área de especialização de Geodinâmica. Lisboa, 139 p.
- QUATERNAIRE PORTUGAL /OFICINA DE ARQUITECTURA (2003-2005). Plano de Ordenamento da Orla Costeira da Ilha de São Jorge, Açores.
- SÃO JORGE, Açores, 2003. Guia do Património Cultural. Edição Atlantic View - Actividades Turísticas, Lda. 1ª edição.
- TAVARES, J., L. OLIVEIRA, P. GARCIA, L. ANUNCIADA & I. AZEVEDO, (1993). Contribuição ao estudo dos Himenópteros parasitas oófagos da Ilha de S. Jorge (Açores). "Relatórios e Comunicações do Departamento de Biologia", 21: 35-39.



são jorge 2011

NOTAS

58

expedição científica





são jorge 2011

NOTAS

59

expedição científica



A ilha de São Jorge, pertence ao grupo dos Açores Centraes, tem 46 kilómetros de comprimento sobre 4 de largura, e 220 kilómetros de superfície. É muito vulcânica, e atravessada por um encadeamento de pequenas montanhas.

Produce vinho e linho, e exporta gado. A sua principal indústria é a dos lacticínios. Os queijos que na ilha se manipulam têm grande consumo nas demais do archipelago, e até no continente do reino. Alguns podem competir com os melhores queijos estrangeiros do mesmo typo, que é o do queijo suíço de Gruyère.

Um michaelense, o sr. *Alexandre Leite da Gama*, estabeleceu há annos em São Jorge uma fábrica de queijos muito bem montada, que produce e exporta em grande escala imitações dos queijos de Hollanda e Chester.

A sua população é de 18 359 habitantes, repartidos em 4 477 fogos. Tem dois concelhos, o da Calheta e o das Vellas, capital da ilha, e 10 freguezias, a mais importante das quaes é o Topo.

Os habitantes de São Jorge são muito inteligentes, distinguindo-se alguns dos seus naturaes, entre os quaes mencionaremos os seguintes:

***Dr. João Teixeira Soares*: Bacharel em direito, antigo deputado da nação. Foi historiographo e investigador erudito, devendo-se-lhe muitos elementos para a final elaboração da história açoreana.**

D. Mariana Belmiro d'Andrade: Existe nas Manadas, onde exerce o professorado official esta escriptora distinctíssima. Publicou uma collecção de poesias, Phantasias, e mais recentemente um poemeto philosophico de muito mais valor, *A Sibylla*, escripto em alexandrinos. Colabora activamente no jornal *A ilha Graciosa*, onde tem em publicação um romance também philosophico: *A Esphyngé*. Possui grande soma de conhecimentos adquiridos sem mestres, n'um aturado convívio com bons auctores.

***D. Philomena Serpa*: Vive obscuramente, na Praia da Victória, esta senhora, que uma excessiva modéstia torna desconhecida do público. Escreve corectissimamente em prosa e verso, não tendo a arte métrica segredo que desconheça. Pouco tem produzido, e pouquíssimo tem publicado, preferindo o remanço socegado do lar às emoções da popularidade.**

José de Lacerda: Médico pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. É poeta muito distincto, havendo publicado em Lisboa, ainda estudante, uma collecção de poesias: *Flor de Pantano*, impressa em 1891. Mais recentemente deu à estampa: *Esboços de Pathologia Social* (estudos de biologia), elaborados como dissertação do concurso ao magistério médico em Lisboa.

***Francisco de Lacerda*: Irmão do precedente. É pianista festejado. Rege proficientemente uma das aulas do conservatório. Appellidou-o um dos nossos poetas lyricos, epilogando um soneto: "O mais gentil artista dos Açores."**



XV expedição científica do departamento de biologia

apoios e patrocínios



Associação Humanitária
de Bombeiros Voluntários de Velas
Câmara Municipal de Calheta
Câmara Municipal de Velas
Copipélago
Electricidade dos Açores, S.A.
Central Termoeléctrica de São Jorge
Fotoceanus
Junta de Freguesia da Urzelina
Secretaria Regional da Agricultura e Florestas
Serviço Florestal de São Jorge
Secretaria Regional da Agricultura e Florestas
Serviço de Desenvolvimento Agrário de São Jorge
Secretaria Regional da Ciência, Tecnologia e Equipamentos
Delegação de São Jorge
Secretaria Regional do Ambiente e do Mar
Serviço de Ambiente de São Jorge
Serviço Regional de Protecção Civil
Sociedade de Serigrafia Açoreana, Lda.
Tipografia Aníbal - Ponta Delgada
Transmaçor



COMISSÃO ORGANIZADORA

Investigador Coordenador JOÃO TAVARES

Técnico Superior DUARTE SOARES FURTADO

Assistente Administrativa MARIA DA CONCEIÇÃO VIEIRA